



Escola lança mão das atividades culturais para abordar temas tecnológicos e ambientais

www.appai.org.br

Um benefício da **appai**



A evolução do ensino da história da África

Airton de Farias*

Até bem pouco tempo, o que os alunos dos ensinos Fundamental e Médio no Brasil estudavam sobre a África era exíguo. Num país como o Brasil, construído em três séculos de escravismo negro, não sabíamos quase nada sobre o que havia na África. Era como se os africanos não tivessem passado e fossem meros coadjuvantes numa história cujos atores principais eram os brancos europeus.

Os estudantes aprendiam que o homem surgira naquele continente há milhões de anos e que dali passou a povoar o planeta. Apareceram, depois, várias civilizações, dentre as quais a egípcia, que todo mundo lembra pelo rio Nilo, pelas pirâmides, pelas múmias... Mencionávamos a África de novo, indiretamente, quando falávamos do Império Romano, dos Árabes, da Expansão Marítima Europeia e da escravidão dos negros, trazidos aos milhões para a América. Pronto. Era praticamente isso.

Recentemente, com a força dos movimentos negros no Brasil, surgiu toda uma preocupação em falar dos africanos, não apenas como escravos, mas entendê-los quanto à história, cultura, religião, cotidiano, costumes, enfim, como agentes históricos. Essa mobilização levou, em 2003, à aprovação da Lei nº 10.639, que tornou obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-brasileiras nos níveis Fundamental e Médio.

Apesar disso, há dificuldades para se incrementar ainda mais o estudo da história da África. Muitos professores, os mais antigos, não estudaram esse assunto na graduação (o que atualmente se está tentando remediar com vários cursos de extensão). Outro fator é a carência de livros didáticos e outras fontes, mesmo após o Ministério da Educação (MEC) organizar um vasto material sobre a história do continente. A iniciativa contou com apoio da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), em 2010, e está disponível no *site* da instituição.

Acredito que esses problemas serão contornados num futuro breve. Os novos livros didáticos,

por exemplo, já trazem capítulos específicos sobre a história africana e, além disso, há uma crescente produção de paradidáticos sobre o tema, como o produzido pelo Sistema Ari de Sá, de Fortaleza, intitulado *Uma breve história da África*.

A abordagem do professor em sala também requer atenção. Ainda temos traços racistas em certas parcelas de nossa sociedade, que vê com preconceito temas como a religiosidade africana ou afro-brasileira. O professor logicamente não deve se tornar um apologista de qualquer crença, mas ajudar a despertar nos alunos o respeito aos diferentes credos. Pode-se não concordar com o outro, mas devemos entendê-lo e respeitá-lo. Essa é uma premissa fundamental para uma sociedade democrática e plural como todos nós imaginamos e desejamos.

Também devemos evitar o perigo de cair no exótico ou na idealização da África. No primeiro caso, muito tentador em sala de aula, pela natural atração que o diferente provoca, há o risco de apenas reproduzir estereótipos e preconceitos, sem compreender as diversidades culturais dos vários povos africanos dentro da dinâmica histórica. No segundo caso, não se pode ver a África como uma terra "perfeita, onde tudo era harmônico e bom" até a chegada dos europeus. Obviamente não quero diminuir ou negar a responsabilidade das potências ocidentais sobre a hecatombe social, econômica e política que o continente africano viveu nos últimos séculos. Longe disso.

A história da África faz parte da história da humanidade, com grandes feitos, é verdade, mas com contradições igualmente. Seu povo foi também sujeito ativo de seu processo histórico. Assim, por exemplo, sabemos que lá já havia escravidão desde a Antiguidade e que o fornecimento de cativos à América era feito num lucrativo negócio que envolvia europeus e reis, mercadores e chefes locais africanos.

É fundamental para o professor ressaltar a diversidade que marca a história. Existiam e existem muitas Áfricas. É um continente com 30 milhões de quilômetros quadrados de superfície, que abrigou diversas civilizações, milhares de etnias, com origens, trajetórias e culturas distintas (embora existam elementos comuns também).



Conselho Editorial
Julio Cesar da Costa
Ednaldo Carvalho Silva

Jornalismo
Antônia Lúcia Figueiredo
(M.T. RJ 22685JP)

Colaboração
Cláudia Sanches, Sandra Martins,
Tony Carvalho e Marcela Figueiredo

Fotografia
Marcelo Ávila e Tony Carvalho

Design Gráfico
Luiz Cláudio de Oliveira

Revisão
Sandro Gomes

Periodicidade e tiragem
Bimestral - 100.000 (sessenta e cinco mil)

Impressão e distribuição
Gráfica Ediouro - Correios

Professores, enviem seus projetos para a redação da Revista Appai Educar:

End.: Rua Senador Dantas, 117/229
2º andar - Centro - Rio de Janeiro/RJ.
CEP: 20031-911

E-mail: jornaleducar@appai.org.br
redacao@appai.org.br

Endereço Eletrônico:
www.appai.org.br

Tel.: (21) 3983-3200

* Os conceitos e opiniões emitidos em artigos assinados são de inteira responsabilidade dos autores.

Igualmente não podemos cair na vitimação excessiva dos africanos, vendo-os apenas como “humildes povos” – isso apenas faz ratificar as visões eurocêntricas acerca da inferioridade daqueles povos. Na África, vamos encontrar grandes civilizações, tais como Kush, Gana, Mali e Songai; também há a produção ali de notórios saberes, a exemplo do domínio da metalurgia ou de construções magníficas, como o Grande Zimbábue, uma monumental edificação onde as pedras foram colocadas uma em cima da outra, sem cimento, de forma semelhante às construções dos Incas no Peru.

O professor, assim, deve estar atento às especificidades da história africana e suas contradições. As sociedades da África apresentavam aspectos diversos e viveram processos históricos ecléticos. Não eram

sociedades perfeitas e muito menos se constituíam de povos inferiores, selvagens ou exóticos. A África tem uma história rica, muito mais ligada ao Brasil do que o senso comum indica. Nesse novo olhar e redescoberta do continente, a escola e o professor apresentam papéis importantes. O combate ao racismo e o respeito à diversidade histórica e cultural têm neles um grande aliado. Mãos à obra, mestres.

***Airton de Farias** é Mestre em História pela Universidade Federal do Ceará (UFC); Bacharel em Direito pela UFC e em História pela Universidade Estadual do Ceará (Uece). É professor, há 18 anos, e autor de vários livros didáticos, a exemplo de *Uma breve história da África*.



As mudanças dos Processos de Ensino e Aprendizagem diante de uma Sociedade do Conhecimento

*Carlos Alberto de Souza Cabello**

Diante das inovações oferecidas à sociedade, a disseminação do conhecimento, ou especificamente dos saberes, ganha brilhante destaque e faz com que uma das mais importantes formas de contribuir com a evolução dos seres humanos, a Educação, também se inove. Acredito que, diante de diversos saberes pedagógicos e suas aplicações, a didática, os educadores acabam participando ativamente na formação dos estudantes e, por consequência, o grande desafio deste profissional é descobrir a real velocidade de aprendizado e a base sobre a qual seu educando está montado, para que a partir daí consiga motivar, provocar interesse. Acima de tudo, deve-se destacar o fato de que o saber transmitido aos educandos tem clara aplicação na sociedade em que vivemos. Portanto faz-se necessário o domínio destes saberes, não apenas para se transformar na sociedade, como também para transformar a sociedade em que se está inserido.

A nova realidade neste contexto do educador assume no meu entender algumas mudanças radicais,

nas quais o conteúdo era visto como um fim em si mesmo, e hoje destaca-se como um meio para desenvolver competências. Ênfase também que a sala de aula tende a deixar de ser um espaço fracionado, estático, organizado por disciplina e deverá, no futuro, ser um local de reflexão e de situações de aprendizagem. Faz-se necessário lembrar fatos relacionados com as atividades padronizadas, rotineiras, e que devem a partir de agora ser focadas em projetos e na resolução de problemas. Com relação aos saberes, em muitas escolas é ainda fragmentado, dividido por disciplinas, de caráter enciclopédico, memorizador e cumulativo, porém na realidade em que vivemos estes conhecimentos deverão ser interdisciplinares, contextualizados, permitindo a criação de conceitos lógicos. Nesse contexto o educador deve sofrer profundas mudanças, deixando de ser um transmissor de saberes e passando a ser um facilitador da aprendizagem, pois o grande problema do educando atualmente é a escolha das informações corretas, já que a Internet as oferece com muita facilidade. O educando deve então estar preparado para saber escolher e, acima de tudo, transformar informação em saber fazer.

***Carlos Alberto de Souza Cabello** é Mestre em Educação Matemática e possui especialização em Estatística e Psicopedagogia. Atualmente é professor nos cursos de Graduação do Centro Universitário Senac e do Centro Universitário Uni Ítalo.



Desencanto e esperança

Andrea Gouvêa Vieira



Uma pergunta recorrente de quem se preocupa com Educação é: por que professores ainda jovens, sabidamente competentes e dedicados, aposentam-se cedo, à primeira oportunidade, privando a sociedade de gente essencial para a construção de seu futuro? Há, claro, motivos variáveis, mas alguns pontos são quase consensuais, ficam evidentes em qualquer conversa com professores que decidiram ir prematuramente para casa. O primeiro deles, claro, foi a aprovação automática, em boa e já tardia hora abolida do nosso sistema educacional. À minha pergunta sobre os efeitos negativos da aprovação automática, adotada nos idos dos anos 1980, uma antiga mestra respondeu, incisiva, ponto a ponto:

- 1 – “Foi um desastre. Um incentivo aos desinteressados em estudar, um desestímulo aos aplicados.
- 2 – Afugentou os pais da vida escolar, do acompanhamento constante do desenvolvimento das crianças.
- 3 – Lançou sobre os ombros do professor toda a responsabilidade de educar e formar. Muitos pais, já envolvidos na luta pela sobrevivência, abandonaram, de vez, a cobrança do desempenho que faziam em casa – afinal, os filhos já iam passar de ano de qualquer modo.

- 4 – Criou problemas até de comportamento dentro da sala: os já refratários ao aprendizado desinteressavam-se ainda mais, pressionando os que se interessavam.
- 5 – Ampliou, quase ao nível de fanatismo, a devoção às estatísticas, infladas artificialmente, gerando, com isso, um quadro totalmente distanciado da realidade”.

Mas os motivos não pararam aí. A eterna questão dos baixos salários, obrigando o professor a multiplicar sua carga de trabalho – sem tempo, portanto, para aperfeiçoar-se e qualificar as crianças –, tem também papel essencial no desencanto com a profissão. Mais: a imposição de livros didáticos não apropriados, elaborados, muitas vezes, à distância do dia a dia de cada escola, tem a sua quota de responsabilidade no processo. Numa época em que não existiam computadores, muito menos redes sociais, adotar cartilha única dentro de uma escola para estratos sociais diferenciados era algo que roubava do professor a criatividade essencial para trabalhar com vocabulários próprios de cada faixa etária ou grupo social.

O livro único, me dizia a professora, era uma aparente facilidade. Bastava mandar as crianças copiarem e responderem ao que se propunha. E a imaginação de cada uma para criar suas próprias situações de vida não conta? Onde foi parar a riqueza extraída dessas situações, capazes de gerar mais aprendizado, num rico, divertido e estimulante movimento contínuo? A aula viva, o relato do dia a dia de cada um, sua aplicação na criação do conhecimento sofreram, então, um golpe duríssimo.

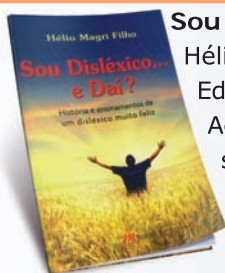
Há mais, muito mais fatores de desencanto que o espaço deste artigo não comporta. A passagem do tempo mostra que novas e desastrosas intervenções na Educação não só desestimulam a chegada de jovens idealistas ao magistério, como dão razão aos que, mesmo ainda física e intelectualmente capazes, não querem voltar à profissão. Aí entram o inacreditável estímulo à fala e à escrita fora dos padrões cultos da língua; a progressiva limitação da autoridade que é diferente de autoritarismo do professor dentro da sala de aula; a irradiação, para dentro da escola, da violência que impera do lado de fora, entre outras coisas.

Parece muito amargor, mas uma perceptível ternura perpassa pela professora aposentada. Seus olhos brilham quando fala da riqueza da interação com as crianças. Sua voz estremece quando recorda do prazer de receber em sala um ex-aluno em ascensão na vida. O peito se contrai quando menciona seu papel e suas responsabilidades na formação de tantos jovens. O coração bate mais forte quando, na rua, é reconhecida por um daqueles antigos meninos, principalmente os rebeldes, hoje homens feitos, com filho no colo, que a abraçam e agradecem seu trabalho.

Isso renova a esperança nos professores que ainda resistem, desafiando todas as deficiências, para que continuem ajudando a construir não só um país melhor, mas, principalmente, um mundo melhor.

Andrea Gouvêa Vieira

Vereadora da Cidade do Rio de Janeiro
E-mail: falecomigo@andreagouveavieira.com.br



Sou disléxico... e daí?

Hélio Magri Filho

Editora M. Books – Tel.: (11) 3645-0409

Ao ler esta obra o leitor irá verificar que se trata de uma leitura tremendamente agradável, bem-humorada e com uma mensagem muito positiva para os portadores de problemas como Dislexia, Discalculia, TDAH e Síndrome de Irlen.

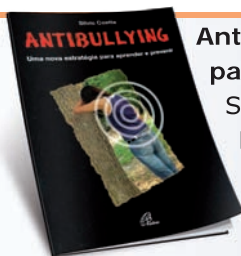


Guia do trabalho científico – do projeto à redação final

Celso Ferrarezi Junior

Editora Contexto – Tel.: (11) 3832-5838

O que levar em conta na hora de fazer um trabalho científico? Quais são as formas utilizadas em artigos, monografias, dissertações e teses? Depois de responder muitas vezes essas questões, o professor-autor decidiu colocar as respostas nesse manual didático. A obra é uma poderosa aliada a todos que precisam elaborar um trabalho científico, desde a conclusão do curso até o doutorado.

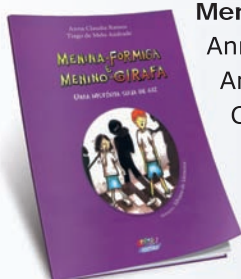


Antibullying – uma nova estratégia para aprender e prevenir

Silvio Costa

Editora Paulinas – Tel.: (21) 2232-5486

É possível discutir sobre *bullying* sem fazer o assunto se tornar um discurso moral? Neste livro, o autor mostra que sim e, mais do que informar e discutir o tema, os leitores vivenciarão situações de *bullying*, trocando papéis e discutindo a ética, através de um jogo de tabuleiro que tem como cenário a escola.



Menino-formiga e menino-girafa

Anna Claudia Ramos e Tiago de Melo Andrade

Cortez Editora – Tel.: (11) 3864-4290

Tiana e Glauco estudavam na mesma escola que a Turma dos Cinco e estavam cansados de vê-la maltratando as crianças e os mais fracos. Se quiser saber mais detalhes sobre tudo isso, abra bem rápido este livro, leia a história e descubra o que aconteceu.



Uma história da ciência

Michael Mosley e John Lynch

Editora Zahar – Tel.: (21) 2108-0808

Com belas ilustrações, este é um guia perfeito para nos orientar num incrível percurso pela história das grandes descobertas científicas do Ocidente – como toda a evolução, a criação dos telescópios e a descoberta do DNA – e sua relevância na vida atual.

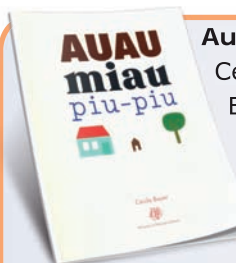


O menino maltrapilho e seu cãozinho de luxo

Zezé Barcelos

Litteris Editora – Tel.: (21) 2263-3141

A narrativa dessa obra enfatiza mundos diferentes entre o homem e o animal, com a aproximação dessa diferença gerando transformação. Em outras palavras, o universo do cachorrinho tratado de forma exageradamente luxuosa e o do menino abandonado.



Auau miau piu-piu

Cécile Boyer

Berlendis & Vertecchia Editores – Tel.: (11) 3085-9583

Você sabe qual a diferença entre o cachorro, o gato e o passarinho? Neste livro, a magia das letras faz surgir as imagens! Palavras e sons tomaram o lugar dos personagens para contar a vida particular do cachorro, do gato e do passarinho, assim como seus movimentados encontros...



1822 – edição juvenil

Laurentino Gomes

Editora Nova Fronteira – Tel.: (21) 3882-8200

Nesta edição juvenil da obra *1822*, ilustrada com as aquarelas da artista plástica Rita Bromberg Brugger, o escritor Laurentino Gomes procura relatar como o Brasil de 1822 acabou dando certo por uma combinação de sorte, improvisação, acasos e também de sabedoria dos homens responsáveis pela condução dos destinos do novo país naquele momento.



Com doze livros publicados e mais de um milhão de exemplares vendidos **Thalita Rebouças** é reconhecida pela crítica como o novo fenômeno da literatura infanto-juvenil. Falando para uma plateia de mais de 350 professores associados à Appai, na Bienal do Livro RJ, a escritora afirma que jovem gosta de ler, todavia os professores precisam misturar os clássicos, indispensáveis à leitura acadêmica, a outros livros mais palatáveis aos jovens de hoje em dia.

Revista Appai Educar – Durante a sua palestra com os professores, muitos docentes se manifestaram dizendo que os seus livros conseguiram mudar, de maneira positiva, a opinião de seus alunos em relação à leitura. O que você pensa em fazer para que a mudança comportamental desses jovens não se transforme em algo ocasional?

Thalita Rebouças – Eu pretendo continuar a escrever para eles por muitos e muitos anos. E, claro, incentivar outros autores a fazer o mesmo. Acho que a mudança comportamental veio para ficar, graças à Internet, que obrigou os jovens a voltar a ler e a escrever para que possam se comunicar.

Revista Appai Educar – A partir de que momento você percebeu que o seu trabalho estava contribuindo diretamente para a desmistificação do estereótipo de que jovens e adolescentes não gostam de ler?

Thalita Rebouças – Foi na Bienal do Rio de 2007, quando os meus eventos passaram a ter longas filas, mesmo eu estando lá durante os 11 dias do evento. Ficou claro que havia um público ávido por novidades, com vontade de ler algo que

falasse sobre o seu dia a dia. Fico orgulhosa por meus livros tratarem do cotidiano dos jovens. Não é preciso escrever sobre magos ou vampiros para atrair esse público. Basta uma boa história.

Revista Appai Educar – Conte-nos uma situação inusitada que tenha ocorrido entre você e os alunos em uma de suas visitas a escolas.

Thalita Rebouças – Não me lembro de situações inusitadas, mas os alunos me deram várias sugestões. A mais importante delas: escrever "Fala sério, professor". É um livro que considero muito importante na minha carreira, pois já ouvi muitas vezes que ele conseguiu fazer com que os alunos se aproximassem e respeitassem mais os seus professores após a leitura, e isso é algo de que estamos precisando muito.

Revista Appai Educar – Se você pudesse se transformar em professora por um dia, qual seria o seu plano de aula para hoje?

Thalita Rebouças – Daria uma aula inteira de redação, falaria para os alunos sobre a grande importância de aprenderem a escrever corretamente para o futuro profissional deles. Esse é um tema que faço questão de mencionar sempre que falo para adolescentes. Eles são dispersos, mas práticos, e, quando percebem que o desleixo com o aprendizado da nossa língua pode acabar custando muito caro no futuro, muitos abrem os olhos. Sempre me impressionou como eles sabem da importância de aprender inglês ou espanhol, mas não dão o mesmo valor ao português.

Revista Appai Educar – Se ler é uma viagem... Você se considera uma nova estrada por onde muitos, sobretudo os jovens, estão caminhando? Saberria nos dizer a que lugar essa estrada pretende levar seus viajantes?

Thalita Rebouças – Meu único objetivo é ajudar a fazer com que os adolescentes se apaixonem pelo hábito da leitura e nunca mais o larguem. Se depois de ler meus livros eles passarem para Fernando Sabino, José Saramago ou Vargas Llosa, entre muitos outros, minha tarefa foi cumprida.

Revista Appai Educar – Você tem algum projeto para um trabalho específico nas escolas ou com os professores?

Thalita Rebouças – Infelizmente não tenho mais tempo de visitar tantas escolas como fiz durante nove anos. Mas sempre que eu puder dar uma palestra para um grupo de professores, como pude fazer na Bienal de 2011, vou tentar de tudo para aproveitar a oportunidade.

Revista Appai Educar – Pela sua vivência, ao longo desses 10 anos, como escritora, o que você diria para os professores que têm dificuldade de aproximar seus alunos do mundo literário?

Thalita Rebouças – Eu diria que existe esperança, que os jovens estão lendo cada vez mais. Diria também para que eles procurem misturar os clássicos que precisam ser lidos a outros livros mais palatáveis aos jovens de hoje em dia, para evitar que eles associem livros a uma coisa chata e obrigatória.





Museu do Ingá

Antônia Lúcia

Um local onde a história avança em direção ao passado para o melhor entendimento do futuro. Estamos falando do Museu de História e Artes do Rio de Janeiro, conhecido como Museu do Ingá, ex-sede do governo fluminense de 1904 a 1975. Além dos mais de 3.200 volumes de manuscritos que contam a história dos 1º e 2º períodos colônias e também do Rio de Janeiro, a instituição abriga informações e objetos referentes aos 43 governadores e interventores do antigo Estado da Guanabara.

Ao lado de um acervo composto não só de manuscritos históricos, mas também por pinturas e retratos a óleo dos chefes do executivo do estado, fotografias, mobiliários, porcelanas, cristais, documentos de origens diversas e objetos decorativos, as coleções palacianas formam um importante mosaico histórico da memória política fluminense.

No acervo, destaque para a coleção Lucílio de Albuquerque composta de 121 trabalhos de pintura e desenho do artista piauiense; a coleção Arte Popular, com peças de diversas regiões do país; a coleção Banerj, formada por 880 obras de arte entre gravuras, desenhos, pinturas e esculturas dos séculos XIX e XX; e a coleção Amaral Peixoto, o acervo pessoal desse importante ex-governador do estado.

Construção

Erguido no século XIX, por volta de 1860, o Palácio foi durante mais de meio século morada do médico e político José Martins Rocha. Com a transferência da capital, de Petrópolis para Niterói, o então presidente do estado adquiriu o palacete para residência oficial dos chefes do executivo fluminense. Em 1975, com a fusão dos estados da Guanabara e do Rio de Janeiro, o imóvel passou a abrigar os acervos do Museu de Artes e Tradições Populares e do Museu Histórico do Estado do Rio de Janeiro. Na década de 1990, as duas instituições se unificaram formando o Museu de História e Artes do Estado do Rio de Janeiro, o mais completo centro de referência cultural e histórica de Niterói.

Entrada: Franca

Visita guiada: Escolas, associações e grupos em geral, sob agendamento prévio pelo telefone.

Biblioteca: Orientação a pesquisadores, atendimento a estudantes, professores e grupos em geral. Segunda a sexta, das 10 às 17 horas.

Oficinas: O museu oferece oficinas de gravura, escultura, pintura, cerâmica, serigrafia e papel reciclado.

Endereço:

Rua Presidente Pedreira, 78 – Ingá – Niterói/RJ
Tels.: (21) 2717-2893 / 2717-2919 / 2717-2903
E-mail: museudoinga@hotmail.com

Superando as adversidades

Filhos de ex-catadores de lixo são os primeiros colocados na avaliação do Saerjinho


Marcela Figueiredo

lizada em uma região onde as áreas de lazer são escassas, alunos e moradores do entorno utilizam o espaço da escola para atividades recreativas aos finais de semana.

A diretora da escola, Delorne Bruno, acredita que, além da dedicação dos professores e estudantes, outro fator que colaborou para a boa colocação no Saerjinho são os projetos desenvolvidos: "Nós temos aulas de reforço de Língua Portuguesa e Matemática, oficinas de mídia e horta, palestras e atividades esportivas", destaca a diretora com 13 anos de Lara Villela e quase 30 de magistério. Algumas dessas atividades são oferecidas no contraturno escolar, favorecendo a que os alunos permaneçam mais tempo na escola.

Acompanhando de perto

Adrielle da Silva Lopes faz parte do grupo dos que participaram da avaliação. A estudante está no 9º ano do Ensino Fundamental e, para continuar os estudos, conta com total incentivo da mãe, Neuza Maria da Silva Lopes, que viveu durante 10 anos da coleta de materiais no aterro sanitário de Jardim Gramacho e há menos de um mês trabalha limpando as ruas de Caxias, cidade onde mora. Para a filha, Neuza planeja um futuro bem diferente: "Eu não quero que ela passe pelas mesmas necessidades que eu. Eu quero o melhor. Por isso, vou sempre à escola e não pretendo que ela trabalhe agora. Já que consegui um emprego melhor, quero pagar um curso para ela poder realizar o sonho de ser aeromoça", revela a mãe.



Localizado há poucos quilômetros do aterro sanitário de Jardim Gramacho, o Colégio Estadual Lara Villela tem em seu quadro de alunos pessoas que vivem da reciclagem do material retirado do lixão. Alguns pais de alunos também vivem essa realidade. Apesar disso, os educadores mostram que é possível superar as adversidades colocando a escola em um lugar de destaque entre as unidades de ensino público do Rio de Janeiro.

Na última avaliação do Saerjinho, sistema que serve para verificar bimestralmente o desenvolvimento dos estudantes, o C.E. Lara Villela foi o melhor colocado entre as instituições escolares da região metropolitana. Alunos dedicados, responsáveis participativos e trabalho contínuo dos professores são os principais fatores que contribuem para que a unidade de ensino tenha uma boa colocação no *ranking* das escolas. Outro fator diferencial é o entrosamento entre o colégio e a comunidade. Como está loca-



Viviane Nobre e Victor Nobre: mãe e filho estudam na mesma escola e juntos vislumbram um futuro melhor

Mãe e filho na mesma escola

Viviane Nobre teve uma infância difícil e ainda muito nova teve que colaborar para o sustento da família. Aos 15 anos, não conseguindo conciliar o estudo com o trabalho, saiu da escola. Casou, teve filhos e atualmente divide com Victor Nobre dos Santos, filho mais velho, as carteiras escolares do C. E. Lara Villela. Hoje, Viviane acompanha de perto o desenvolvimento do filho, está sempre nas reuniões e em períodos de prova faz o que pode para ajudar o menino.

Viviane avalia de forma positiva os projetos desenvolvidos pela escola e destaca que, depois que o

filho passou a estudar no Lara Villela, tem percebido nele mais interesse pelos estudos: “Ele participa do projeto de reforço escolar, da horta e agora tem trazido para casa muitos livros na biblioteca, coisa que ele não fazia antes”.

Lecionar: um ato de amor

Na opinião da professora Roselaine Neimi, a boa colocação do colégio se deu devido ao interesse dos estudantes e ao total apoio da escola em disponibilizar o material necessário para as aulas. Mas destaca ainda as qualidades que um professor deve ter para possibilitar que o aluno assimile melhor a matéria: “Lecionar não é só passar o conteúdo. É tornar a disciplina uma coisa prazerosa e fazer com que todos se sintam motivados em participar da aula. É ter amor à profissão. O professor é um sonhador por natureza. Eu acredito no meu trabalho, faço com amor e é por isso que eles se identificam com a disciplina”.



Delorne Bruno Maia, diretora do C. E. Lara Villela, aponta projetos desenvolvidos como diferencial para a boa colocação no Saerjinho

Colégio Estadual Lara Villela
Rua Avaré, 19 – Jardim Gramacho
Duque de Caxias/RJ
CEP: 25055-120
Tel.: (21) 2674-3154
E-mail: laravillela@hotmail.com
Diretora-geral: Delorne Bruno
Fotos: Marcelo Ávila



Mergulho no mundo das letras

Marcela Figueiredo

A feira realizada pelo Centro Educacional Rio (CER) da Taquara proporcionou um verdadeiro mergulho no mundo literário. Os alunos se inspiraram nos livros para criar peças de teatro, vídeos, sarau poético, brincadeiras e aguçar os sentidos dos visitantes. O objetivo da escola foi fazer com que, através da leitura e interpretação dos textos, valores como o respeito, a compreensão e a amizade fossem resgatados e incorporados à rotina dos estudantes.

Além de explorar o prazer pela leitura, o colégio buscou também trabalhar a integração entre escola, família e alunos no processo de aprendizagem. Assim, os pais foram os convidados mais que especiais no dia das apresentações.

A diretora Alcione de Carvalho trabalha na escola desde a fundação e destaca a importância da atuação em conjunto no processo de socialização dos alunos. "Nós realizamos um trabalho de integração da família com a escola. Procuramos abordar a questão social e o resgate de valores como o respeito e a solidariedade, pois temos o interesse de prepará-los também para

a vida, para o meio social onde eles vivem e, para isso, procuramos estimular a participação dos pais nos projetos realizados", declara a Diretora.

Para a Feira Literária as turmas foram divididas em grupos e os alunos, estimulados a ler livros. Durante o evento, realizaram uma apresentação sobre as principais ideias transmitidas pelos diversos autores. Eles fizeram o resgate de obras e pesquisaram sobre os diversos tipos de texto, como a crônica, o conto, a ficção, o romance, a poesia.

A escola leciona para alunos da Educação Infantil ao nono ano e, de acordo com a série, foram escolhidos livros que explorassem o resgate dos valores essenciais para o bom convívio entre os seres humanos. Pesquisaram também obras que

Escola utiliza a literatura para resgatar valores e estimular a participação dos pais no processo pedagógico

tinham o amor como tema, adaptados para o cinema, além de histórias infantis e crônicas que descreviam o cotidiano escolar.

Os alunos da Educação Infantil realizaram oficinas com os pais onde foram trabalhados, por exemplo, os cuidados com o meio ambiente, o carinho com os animais e o amor entre pais e filhos. "No dia a dia não temos tempo de praticar a integração entre a escola e a família, que é essencial tanto para o estudante quanto para os pais e para a escola. Por isso, procuramos desenvolver brincadeiras que os alunos realizassem com os pais", explica a professora Bárbara Tavares.

Enquanto os pequeninos participavam das oficinas, outros jovens recriaram ambientes, objetos e personagens de livros consagrados. "Romeu e Julieta", de Shakespeare; Carlitos, criação de Charles Chaplin em "Tempos Modernos"; o Menino do Pijama Listrado, de livro e filme do mesmo nome; e Harry Potter, líder nas livrarias e nas bilheterias de todo o mundo, marcaram presença.

Mas os personagens principais da Feira Literária do CER eram bem reais e estavam presentes para prestigiar e valorizar o trabalho dos filhos e netos, como foi o caso de Miguel Duarte. Para o avô do menino João Vitor essa integração é essencial. "Eu considero muito válida a iniciativa de trazer os pais para dentro da escola. É muito importante nós acompanharmos o processo de desenvolvimento do aluno" afirma.

Já para Gisele Pequeno é necessário destacar sempre a importância da família nos projetos pedagógicos: "a escola sem a família não funciona", enfatiza a professora do quinto ano.

Em uma das apresentações, Nilton Marques Júnior era pura emoção. Ele foi um dos pais convidados para assistir o curta-metragem feito pelos alunos do nono ano inspirado na crônica "Porta de Colégio", de Affonso Romano de Sant'Anna. Durante a exibição do filme ele não segurou as lágrimas e logo depois elogiou a iniciativa: "A família está esquecida e muitas vezes não consegue manter uma integração com a escola. Os valores destacados aqui, como a amizade, eles vão carregar para a vida toda. Foi um ótimo trabalho", elogia o pai da aluna Luana Marques.

O CER da Taquara trabalha o ano inteiro com o propósito de resgatar valores e princípios que serão capazes de nortear os alunos durante a vida, e a participação dos pais é um dos pontos mais estimulados nesse processo.



Inspirados nos livros, estudantes desenvolvem atividades que estimulam os sentidos, enquanto os pais são convidados a participar de jogos com os alunos



Centro Educacional Rio – CER Taquara
Av. dos Mananciais, 255 – Taquara – Rio de Janeiro/RJ

CEP: 22720-400

Tel.: (21) 2456-6997

E-mail: cer.taquara@yahoo.com.br

Diretora: Alcione de Carvalho de Magalhães

Fotos: Marcelo Ávila



Despertar para o mundo científico

Semana científica integra conteúdo curricular a assuntos de interesse dos alunos

Marcela Figueiredo

Para proporcionar aos alunos uma aproximação maior com o mundo científico e mostrar-lhes que a ciência não é um bicho de sete cabeças, os professores do Ciep 394 Cândido Augusto Ribeiro Neto organizaram a *I Semana Científica*. O trabalho foi realizado com estudantes do Ensino Médio e, ao invés de pré-selecionar os temas e propor que se expusessem os trabalhos, os docentes ouviram os alunos e receberam sugestões para, a partir daí, decidir a forma de abordagem.

Os assuntos de maior interesse foram obesidade, reprodução, paleontologia e alguns tipos de doenças como câncer, hepatite, tuberculose e aids. Foram realizadas atividades simultâneas e na programação estavam incluídos experimentos, ciclo de palestras e exibição de filmes seguidos de debate. A finalidade do trabalho, segundo os

professores, foi fazer com que os alunos tivessem um contato mais direto com a ciência.

Quando os temas já estavam selecionados, a escola entrou em contato com alguns especialistas e os convidou para um bate-papo com os alunos. Ao mesmo tempo, estudantes realizavam experimentos no laboratório e apresentavam trabalhos em sala de aula. Uma das turmas preparou um vídeo para discutir com os demais colegas questões relacionadas a reprodução e gravidez não programada.

Uma das organizadoras do evento, a professora Laline Araújo, destaca a importância dessa aproximação com a ciência e afirma que muitas vezes o cotidiano escolar não permite que os

Alunas se preparam para apresentação de trabalhos sobre aids, enquanto outros realizam atividades no laboratório



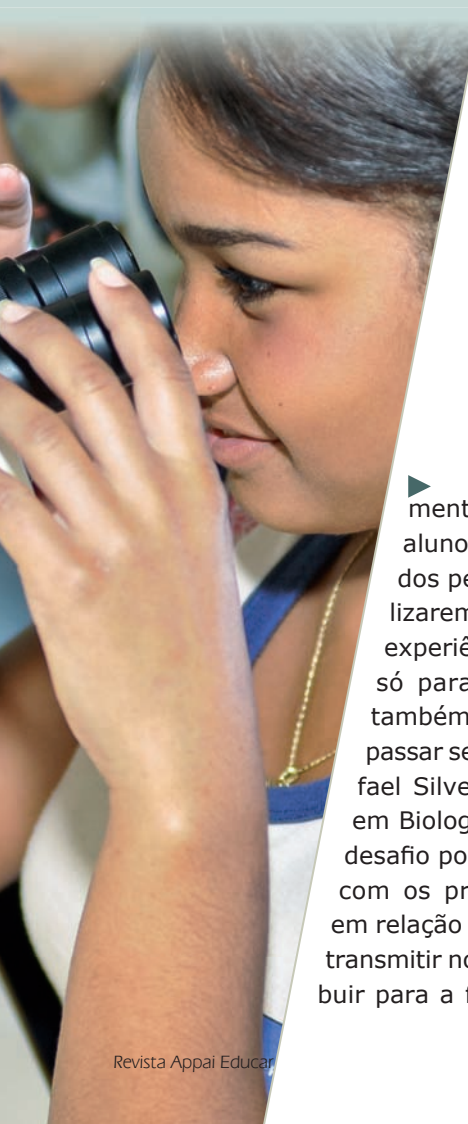
▶ professores abordem mais a fundo os assuntos que são de interesse dos alunos. “Realizamos a semana científica porque é importante para os estudantes estarem ambientados com os conceitos e para propiciar esta aproximação utilizamos temas nos quais eles demonstram interesse”, revela.

Vestido com jaleco branco e orientando os outros jovens no manuseio do microscópio, o aluno Josué Bertholdo da Silva destaca que, com os estudos feitos para a realização da feira, pôde entender melhor a necessidade de higienização dos alimentos, além de ter a oportunidade de manejar equipamentos de laboratório.

Outro destaque diz respeito à troca de conheci-



Estudantes participam de palestra sobre obesidade e paleontologia com pesquisadores



mento entre acadêmicos e alunos, pois foram convidados pesquisadores para realizarem palestras na escola. A experiência foi prazerosa não só para os estudantes, mas também para os que foram lá passar seus conhecimentos. Rafael Silveira Amêndola, mestre em Biologia, afirma que “foi um desafio poder ajudá-los a acabar com os preconceitos existentes em relação à ciência. É bom poder transmitir novos conceitos e contribuir para a formação dos alunos”,

garante. Renata Vieira acredita que a realização da feira é importante porque desperta o estudante para o mundo científico. “Com este trabalho conseguimos satisfazer as curiosidades e ao mesmo tempo trabalhar o conteúdo do currículo escolar”, esclarece a professora de Biologia.

Ciep 394 Candido Augusto Ribeiro Neto
Estrada da Palhada, 3.655 – Riachão – Nova Iguaçu/RJ
CEP: 26279-005
Tels.: (21) 2698-8773 / 2695-1585
E-mail: ciep394carn@yahoo.com.br
Coordenadora Pedagógica: Ana Paula Junqueira
Fotos: Marcelo Ávila



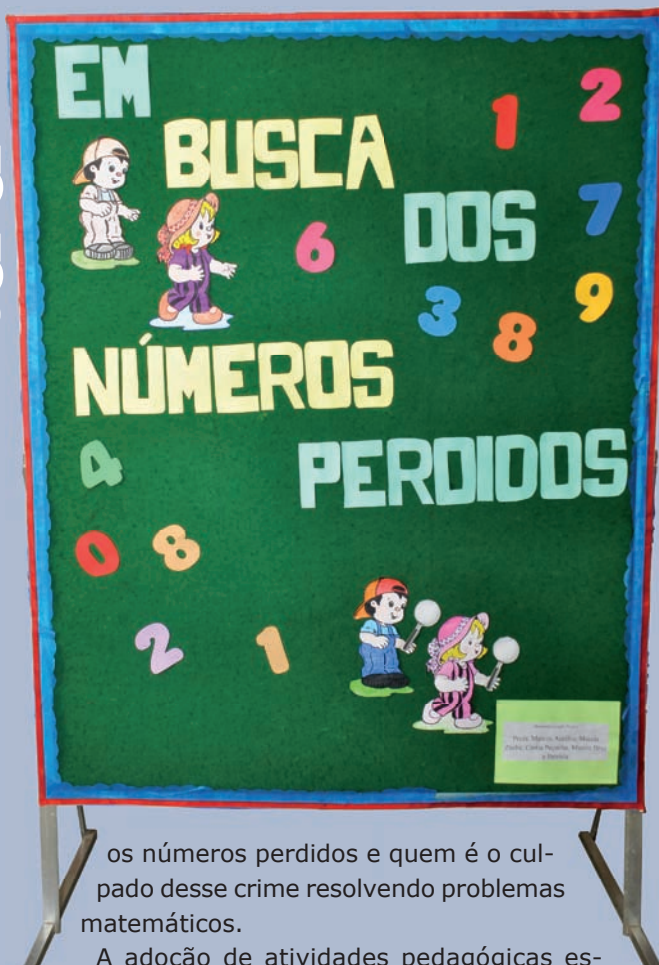
Envolvidos por 'números perdidos'



Marcela Figueiredo

Muitas vezes ela é considerada a vilã dos boletins escolares e, não raro, aparece um ponto de interrogação no rosto dos alunos quando o tema da aula é fração, expressão, perímetro ou coisa do gênero. A Matemática muitas vezes é objeto de desgosto nas salas de aula, e professores de todos os segmentos têm que abusar da criatividade para despertar no educando o prazer pela disciplina.

Na escola Santo Antônio da Prata, o incentivo para que os alunos lessem a obra *Em Busca dos Números Perdidos*, de Michael Thomson, serviu para desmistificar as ideias que giram em torno da disciplina. No livro, o leitor se transforma em detetive para descobrir onde estão



os números perdidos e quem é o culpado desse crime resolvendo problemas matemáticos.

A adoção de atividades pedagógicas estimulantes fez com que estudantes do sexto ano descobrissem o prazer pelos números. Tudo começou quando o professor de Matemática, Marcus Aurélio, propôs um trabalho multidisciplinar tendo como pano de fundo a história do Livro. A ideia seria trabalhar com os números levando em consideração também outras matérias, e assim mostrar aos estudantes que o conhecimento



Alunos desenvolvem uma das tarefas propostas no livro. O objetivo é conquistar os equipamentos necessários para criar uma cidade



acontece de forma integrada, sem vilões ou bichos de sete cabeças.

Os professores se uniram e criaram planos de aula incorporando a história do livro ao conteúdo das outras disciplinas. Dessa forma, nas aulas de Artes os alunos recriaram a cidade; nas de Geografia foram estimulados a perceber as diferenças entre os tipos de paisagem, relevo, clima e vegetação; nas de História descobriram a origem dos números e como viviam as primeiras civilizações; nas de Língua Portuguesa criaram e escreveram uma versão particular do livro *Uma Grande Aventura dos Números Perdidos*.

As questões propostas se enquadram no conteúdo programático do quinto e sexto anos e, conforme o livro ia sendo descoberto pelos alunos, o professor aprofundava a abordagem da disciplina. "Nós utilizamos um livro simples, para trabalhar as operações de Matemática do semestre. Integramos a ele as temáticas de diversas disciplinas e assim a matéria se tornou um prazer para os alunos", explica a coordenadora pedagógica Elizabeth Lima.

Ao mesmo tempo, nas outras aulas o livro ia sendo trabalhado sob outros aspectos. Questões da paisagem, além de conceitos linguísticos e artísticos, foram explorados. "Nós buscamos integrar o conteúdo da disciplina com o do livro e, como a obra fala sobre África, deserto e pirâmides, trabalhei com eles a história das primeiras civilizações e o porquê da construção desses grandiosos monumentos", destaca Cintia Peçanha, professora de História.

Para Pedro Lucas, de 10 anos, tudo foi uma mistura de diversão e aprendizado. "Eu já gostava de Matemática e achei o livro muito divertido. Nele, nós temos que desvendar os obstáculos e assim conhecemos mais sobre História, Geografia, Artes, Português. Aprendi coisas sobre as pirâmides e construímos objetos", conta o menino.

Iara Paduam, de 11 anos, achou o livro "interessante e misterioso". Para a menina, o mais estimulante da leitura foi "saber o que é a Matemática e para que ela serve". E concluiu: "Ao mesmo tempo em que a gente fez um trabalho sério, nos divertimos". A atividade foi desenvolvida ao longo do bimestre. Conforme os estudantes avançavam na leitura, novas questões iam surgindo, e os professores adicionavam novas tarefas à rotina dos alunos. Assim, à medida que liam o livro, eram estimulados a pesquisar sobre o ambiente, recriar a história, escrever e produzir objetos da "Cidade Perdida".

A meta principal da culminância era que, divididos em duplas, eles resolvessem as questões que surgiram no livro e, aos poucos, conquistassem os equipamentos necessários para formar a "Cidade Perdida". Com muito raciocínio lógico e desenvoltura todas as tarefas foram resolvidas com sucesso.

Nota 10 para alunos e professores!



Escola Franciscana Santo Antônio da Prata
Estrada Plínio Casado, 2.875 – Prata – Nova
Iguaçu/RJ
CEP: 26010-421
Tels.: (21) 2761-7170 / 2761-5443
E-mail: administrativo@sibsantoantonio.com.br
Coordenadora Pedagógica: Elizabeth Carla Car-
valho Lima
Fotos: Marcelo Ávila



Pátria Amada

De Pindorama a República Federativa do Brasil

Sandra Martins

“Fiquei um pouco frustrado em saber que o nome de meu país veio de uma árvore. Ou seja, o Brasil não é uma nação, mas sim uma paisagem. Entretanto, percebi que estava errado, quando aprofundei a pesquisa e vi a importância dessa árvore, tanto para os povos que aqui habitavam como para aqueles que vieram para cá”. A declaração é de William, estudante do 3º ano do Ensino Médio do Colégio Estadual Bairro Nova Aurora, em Belford Roxo, que, juntamente com seu grupo, participou do projeto *Semana da Pátria*.

Entre *Pindorama* e *República Federativa do Brasil* nosso país teve um total de sete identificações: o primeiro, cujo significado é *terra das palmeiras*, teve como autoria algumas tribos indígenas. Em seguida, a referência era cristã, *Terra de Vera Cruz*, forte patrocinador das grandes excursões, assim como

Terra de Santa Cruz. A madeira eternizou o nome que ainda apresentou algumas variantes conforme o regime de governo estabelecido. Assim, ao nome Brasil foi acrescentado *Império dos Estados Unidos do e*, desde 1969, *República Federativa do Brasil*.

Para o coordenador do projeto *Semana da Pátria*, professor Lucivaldo Dias, as metas propostas foram satisfatoriamente alcançadas. “A interdisciplinaridade ofereceu uma nova postura diante do conhecimento, garantindo a construção de uma visão globalizante, pois no processo de aprendizagem o aluno não edifica sozinho o que adquire, pois se trata de um desenvolvimento

realizado continuamente com outros e na interação com os outros”. E interação foi o que não faltou, já que a animação na apresentação das pesquisas mobilizou outras turmas embaladas por uma releitura musical da Independência nas batidas do *funk*, ou a música *Sou brasileiro*, do grupo musical Os Havaianos, entre outras que remetiam ao amor à pátria.

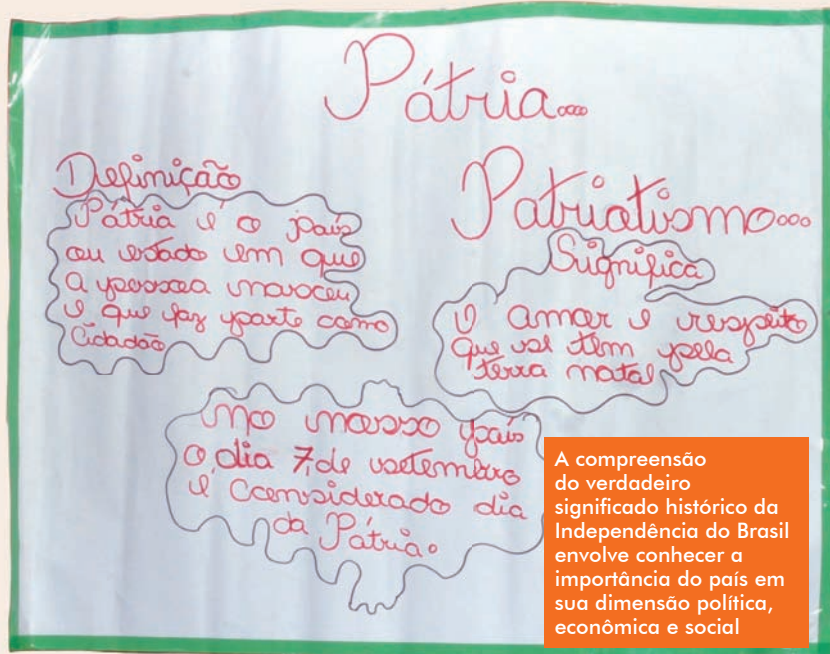
Lucivaldo lembra que, por estarem no final do Ensino Médio, às portas dos vestibulares, os conteúdos devem enfatizar contextualizações históricas,

relações dos fatos passados com a contemporaneidade. “É fundamental o diálogo entre Geografia, História, Sociologia, pois os alunos devem aprender a pensar, a refletir e a expor esta reflexão numa redação para o Enem, por exemplo”.

Fazer o *link* entre os fatos históricos e o aqui e agora do cotidiano do aluno, com as matérias veiculadas na

grande mídia, foi uma das tarefas do professor Roberto Gomes de Castro, que nas aulas de Sociologia buscava incentivar a troca de conhecimentos mesclando História e Geografia. “Debatemos muito sobre o desenvolvimento econômico perverso, com a péssima distribuição de renda. Além do livro didático, pesquisas na internet e autores clássicos, trabalhei muito com o jornal, matérias jornalísticas. Desta forma, pudemos trabalhar conceitos como burguesia, elites, classes privilegiadas, capitalismo financeiro”.

Um jornal-mural revelava o apurado nível de reflexão dos estudantes do 1º ano. A partir dos conteúdos





Orgulho e responsabilidade são os resultados do bom entendimento da trajetória de construção de uma nação, como mostra Elize, da 2002, envolta num dos símbolos da Pátria

e pesquisas desenvolvidas ao longo da atividade, os alunos foram instados a participar de um concurso de redação. Os melhores textos comporiam um painel que seria exposto no pátio durante a apresentação do projeto. Como aconteceu com o texto de Rodrigo,

da 1001, *Corrupção, roubo, desigualdade social e preconceito*. Já a tarefa dos alunos do 2º ano, segundo Elize, da 2002, era a produção de relatórios sobre todos os trabalhos expostos pelos colegas de 3º ano.

No painel *Brasil eu te amo*, os alunos debateram a visão negativa do brasileiro sobre seu próprio país: “Muitas pessoas criticam o Brasil dizendo que ele não presta, porém temos de levar em consideração as coisas boas e não só as ruins”. O alerta é baseado em dados estatísticos obtidos por meio das pesquisas na internet, em livros, na mídia impressa, como a de que 97,3% das crianças e adolescentes, no país, estão na escola. “O estudo aumenta as oportunidades tanto de mercado de trabalho, como no acesso aos direitos e entendimento dos seus deveres”, disse a aluna Carolina Rosa.

Outro dado positivo sobre as conquistas no território nacional diz respeito à criação do Sistema Único de Saúde (SUS). “Só o Brasil possui um sistema de saúde

aberto a qualquer pessoa e totalmente gratuito”, disse Rafael Clemente, ao destacar também a implantação da urna eletrônica a partir das eleições de 1996.

Mais do que revisitar os fatos históricos relativos à Independência do Brasil, ocorrida em 7 de setembro de 1822, o projeto teve por objetivo despertar nos alunos o senso cívico, através de conversas informais e atividades sobre acontecimentos culturais, históricos. Assim como incentivar o entendimento do significado dos símbolos nacionais e das cores da bandeira brasileira, bem como o reconhecimento dos grandes avanços tecnológicos, comparando o Brasil da Independência com o de hoje, despertando, com isso, o espírito de patriotismo.

Contente com a *performance* dos alunos e o empenho dos professores, Neide Maria Fernandes Teixeira, diretora-geral do Colégio, afirmou que trabalhar com projetos é uma prática antiga naquela escola. “É motivador tanto para os alunos como para os professores. O Cebna foi uma das primeiras escolas de Belford Roxo a trabalhar com pedagogia de projetos”, disse. Ela revelou, com muito orgulho, a fama de colégio festeiro: certamente, por conta dos inúmeros troféus conquistados em campeonatos de concursos de bandas – atualmente a instituição mantém uma banda de tambores.

De fato, mais do que ter fama de escola festeira, o Cebna apresenta parte da produção de seus alunos para o público externo. Com o encerramento da culminância interna, faixas produzidas para o projeto *Semana da Pátria* foram levadas e fixadas pelos alunos em uma praça próxima da unidade escolar.

Colégio Estadual Bairro Nova Aurora
Rua Tomás, s/nº – Nova Aurora – Belford Roxo/RJ
CEP: 26155-580
Tel.: (21) 3775-3003
E-mail: cebnarj@yahoo.com.br
Diretora-geral: Neide Maria Fernandes Teixeira
Fotos: Marcelo Ávila





O lúdico em ação...



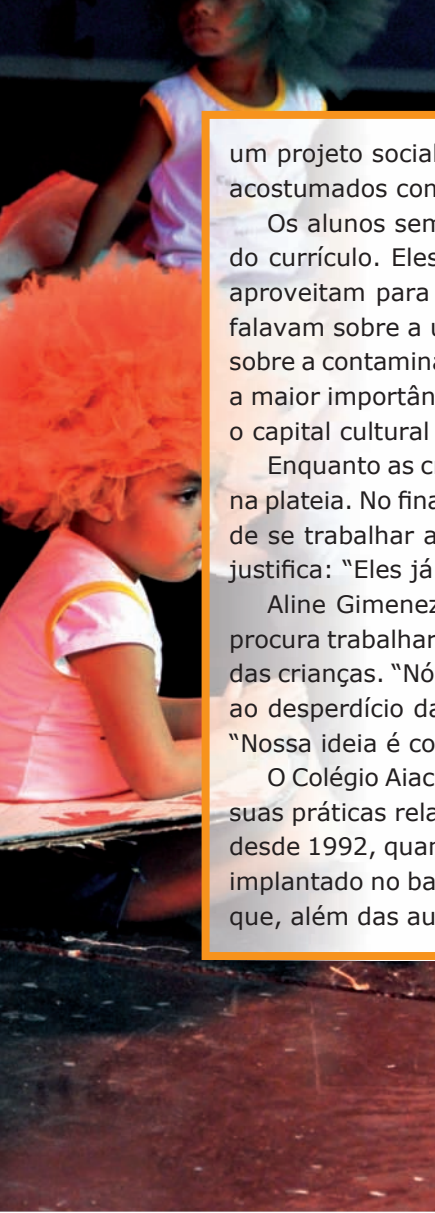
Marcela Figueiredo

Teatro onde os atores são crianças de três a cinco anos. Todas desinibidas, com as músicas na ponta da língua e a coreografia muito bem executada. Este é o resumo do que aconteceu na manhã de sábado, 17 de setembro, no espaço de apresentações do Colégio Aiacom. As apresentações são parte da *XII Mostra Pedagógico-Cultural* que teve como tema central *Tecnologias*. Durante o evento, as turmas da educação infantil apresentaram peças de teatro onde relacionavam a evolução tecnológica com os impactos causados ao meio ambiente.

Quem assiste as apresentações pela primeira vez fica encantado com a desenvoltura das crianças. A justificativa para uma participação sem choro e vergonha de crianças tão pequenas está na prática cotidiana desses alunos: as atividades culturais fazem parte do dia a dia da escola. Como o colégio surgiu a partir de



Turma do maternal apresenta espetáculo *Aquarela*, e um dos alunos produz desenhos que remetem à necessidade de preservação do meio ambiente



um projeto social que trabalha diferentes manifestações culturais, os pequeninos já estão acostumados com o palco e com a plateia.

Os alunos sempre realizam este tipo de tarefa. O teatro, a dança e a música são parte do currículo. Eles entendem o que fazem como uma atividade rotineira, e os professores aproveitam para abordar assuntos muito sérios. Enquanto algumas crianças do maternal falavam sobre a utilização de material reciclável, outras se preparavam para apresentação sobre a contaminação dos rios. Cleidy Nicodemos, que está na instituição há 12 anos, diz que a maior importância de se trabalhar arte e cultura na escola são “a possibilidade de ampliar o capital cultural dos alunos e ensinar os conteúdos através do lúdico e das brincadeiras”.

Enquanto as crianças estavam no palco, professores e pais aplaudiam e se emocionavam na plateia. No final da apresentação a coordenadora Rojane Avilez ressaltou que “o momento de se trabalhar as questões ambientais é enquanto os alunos estão nas séries iniciais”. E justifica: “Eles já vão crescer com esses valores”.

Aline Gimenez, coordenadora responsável pela Educação Infantil, afirma que a escola procura trabalhar as questões sobre meio ambiente relacionando-as com o que é a realidade das crianças. “Nós utilizamos exemplos do cotidiano delas para abordar problemas relativos ao desperdício da água e à importância da coleta seletiva, por exemplo”. Aline completa: “Nossa ideia é conscientizá-las para a necessidade de preservar o meio ambiente”.

O Colégio Aiacom começou suas atividades enquanto escola formal no início de 2011, mas suas práticas relacionadas a atividades pedagógicas e culturais existem, no Rio de Janeiro, desde 1992, quando o projeto social *Aiacom – Armazéns de Ideias e Ações Comunitárias* foi implantado no bairro do Engenho Novo. Atualmente são 680 alunos no Ensino Fundamental que, além das aulas regulares, participam de atividades socioculturais durante todo o ano.

Colégio Aiacom
Rua Barão do Bom Retiro, 920 – Engenho Novo –
Rio de Janeiro/RJ
CEP: 20715-003
Tel.: (21) 3591-9918
E-mail: contato@aiacom.org.br
Diretora-geral: Cleidy Nicodemos
Fotos: Marcelo Ávila



Crianças representam sol, flor, chuva e mata, mostrando a importância de cada um desses recursos naturais para a manutenção da vida no planeta



Um dia na universidade, uma lição de cidadania

Claudia Sanches

“**Q**uando eu crescer, quero estudar lá, na UFRJ”. A afirmação é da pequena Luisa, que cursa o 4º ano do Ensino Fundamental na Escola Municipal Presidente Costa e Silva, localizada no bairro de Cavari, Duque de Caxias. Esse sonho só foi possível graças ao projeto *Hoje a nossa escola é a universidade*.

Para ela e seus amigos, dos 4º e 5º anos, participar do programa foi a oportunidade de conhecer uma universidade e sonhar em um dia ser cientista. “Quando chegaram do passeio estavam maravilhados, e todos queriam contar ao mesmo tempo o que viram. Luisa foi logo dizendo que queria ir para a UFRJ”, relata a diretora do colégio, Cristina Alves.

Criado há três anos pelo Instituto de Microbiologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, o trabalho possibilita que alunos carentes da escola pública passem um dia inteiro na instituição. A garotada assiste a peças de teatro, faz suas refeições, participa de palestras interativas, debates e experimentos em laboratório. Segundo a coordenadora e idealizadora do projeto, Agnes Marie Sá Figueiredo, o objetivo principal é divulgar a produção científica e abrir a universidade à escola pública.

A equipe de professores do Instituto reserva espaço para as crianças conhecerem um pouco do mundo invisível dos micróbios. A meta é trazer as turmas para

a Instituição, ao invés de ir até os colégios, e passar algumas coisas que para eles são desconhecidas. “Assim desmistificamos a ideia de que a produção científica é algo inatingível e promovemos a inclusão, já que há poucos estudantes da rede pública na UFRJ”, explica Agnes.

Segundo a professora das turmas dos 4º e 5º anos Elisabete Cândido, do colégio de Duque de Caxias, o evento foi uma vivência nova para os alunos, que moram e estudam em um local de difícil acesso e não saem do município. Para a educadora, o aproveitamento superou as expectativas. “Eles participaram de todas as atividades motivados, interagiram muito bem com os palestrantes e cientistas e se comportaram de modo exemplar. Estou orgulhosa de meus alunos”, afirmou.

No primeiro tempo do encontro o diretor do Instituto de Microbiologia Alexandre Rosado falou sobre o trabalho de campo que desenvolve há quatro anos na Antártida. Segundo o especialista, pouco se sabe sobre a microbiologia local. As crianças ficaram encantadas enquanto o professor do departamento falava um pouco sobre o continente gelado. “Conheci essa região e a África através da minha profissão; eu sonhava em viajar pelo mundo desde que tinha a idade de vocês”, disse o biólogo às crianças. Depois de falar sobre as expedições do Brasil na Antártida e

do seu trabalho, coleta de bactérias para pesquisas para desenvolver técnicas para despoluição ambiental, Alexandre contou um pouco sobre o inóspito clima do lugar, cujo verão tem a temperatura máxima de -30 a -60 graus. Através de fotografias feitas por ele, mostrou o gigantismo da sua fauna, o trabalho das expedições brasileiras e explicou o porquê da fragilidade daquele ecossistema e da importância de sua conservação no processo de aquecimento global.

Não só crianças, mas muita gente grande se encantou com os pinguins e focas gigantes, e ficou boquiaberta com o tempo que se leva para chegar até lá, além do treinamento rigoroso necessário para estar no continente – às vezes se leva mais de uma semana, com ajuda dos aviões da Força Aérea Brasileira (FAB), incluindo uma aeronave com condições de pousar no gelo. “Nós só protegemos o que amamos. O efeito estufa é causado pela ação do homem. Amanhã as pesquisas de vocês podem salvar o planeta. Por isso é preciso que se conheça e se ame a Antártida, que já perdeu grande parte da sua camada de gelo”, alertou o pesquisador.

Basta uma informação para despertar a atenção dos pequenos. Com o professor Maulori Cabral os estudantes participaram de uma atividade interativa muito divertida sobre os micróbios, vírus, bactérias, as nocivas e as “do bem”. Durante a brincadeira, eles se divertiram com as criaturas bioluminescentes (que brilham no escuro) nas placas de Petri (caixas de coleta de cultura). “Quanto mais cedo vocês aprenderem sobre os micróbios, mais rápido vão aplicar as teorias”, disse o biólogo que vai às creches, escolas e igrejas falar sobre o assunto com a equipe Fuzuê.

No segundo tempo, os alunos de graduação e pós-graduação da universidade abriram as portas do laboratório, e as crianças se tornaram verdadeiros investigadores, experimentando o prazer da prática científica: observaram as mostras de bactérias colhidas em banheiros, solas de sapato e toalhas, assistiram técnicas de dissecação de cadáveres de cobaias, observaram os micro-organismos nos microscópios e aprenderam a im-

portância de lavar as mãos e trocar regularmente de escovas de dentes, entre outros importantes hábitos de higiene.

A diretora do colégio acredita que o evento despertou a curiosidade das turmas para várias questões: “No dia seguinte eles foram à biblioteca por conta deles para pesquisar. Pedro, do 4º ano, um dos mais interessados, pediu um microscópio para a escola. E quer ser o multiplicador das informações. Todos voltaram maravilhados e agora políam os colegas: “tem que lavar as mãos e ter cuidado com as escovas de dente. E eles não se esquecem de Alexandre falando sobre os pinguins”. A professora da turma pretende promover redações com os relatos do grupo.

Para os acadêmicos do instituto, que pretendem aumentar o número de eventos, a prática foi muito gratificante inclusive para os universitários, que tiveram contato com uma realidade diferente. A UFRJ também está cumprindo seu papel: “Ficamos surpresos com a capacidade dessas crianças de também aprenderem e se estimularem com o conhecimento científico. Estamos devolvendo à sociedade os conhecimentos que são gerados no nosso mundo. Nós queremos que a Instituição esteja comprometida com a inclusão, pois a universidade é de todos. O trabalho é, antes de tudo, uma lição de cidadania”, finaliza Agnes.

Para se inscrever, a direção da escola pode entrar em contato com Cleyde Xavier, através do telefone 2560-8344 ramal 103.

Universidade Federal do Rio de Janeiro
Instituto de Microbiologia Paulo de Goes
Av. Carlos Chagas Filho, 3.737 – Bloco I – Cidade Universitária – Rio de Janeiro/RJ
CEP: 21941-599
Tel.: (21) 2560-8028 – ramais 102 e 103
Fotos: Marcelo Ávila



Sonho possível: teatro de bonecos inaugurou o evento. Uma introdução bem lúdica ao imenso universo dos micro-organismos



Ensinar Artes com Arte



Marcela Figueiredo

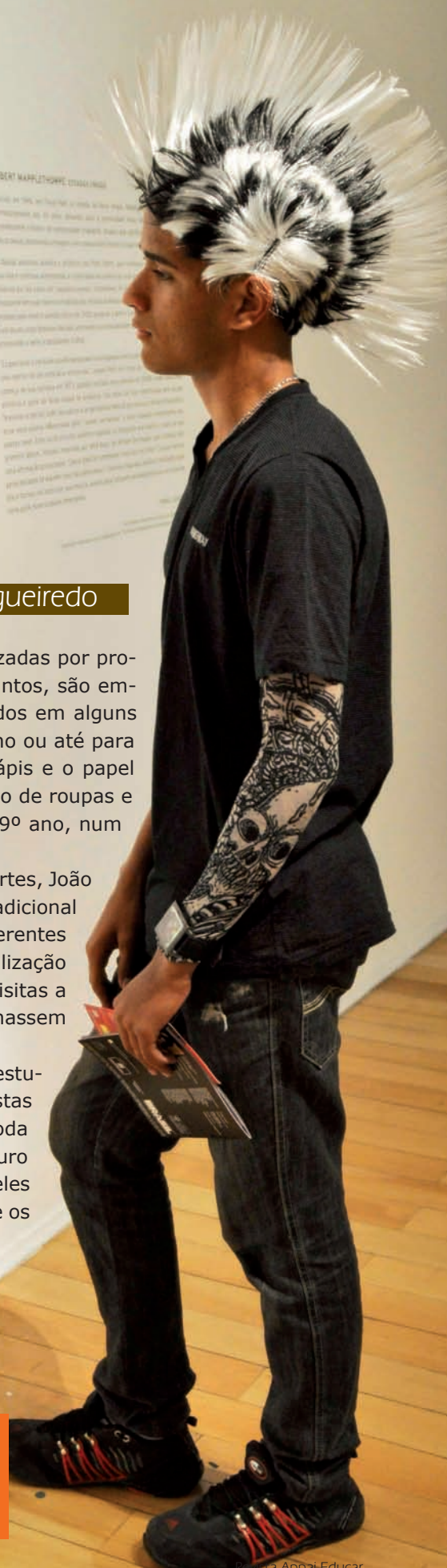
Lápis e papel são, geralmente, as matérias-primas mais utilizadas por professores e alunos nas aulas de Artes. Esses dois objetos, juntos, são empregados para a realização de desenhos e pinturas inspirados em alguns artistas reconhecidos, para estimular a sensibilidade do aluno ou até para iniciação em algum tipo de técnica. No Ciep Elza Viana Fialho, o lápis e o papel abriram espaço para outros recursos. Visitas a exposições, confecção de roupas e desfiles de moda passaram fazer parte do cotidiano dos alunos do 9º ano, num projeto que recebeu o nome de *Relação da moda com a arte*.

Desde que começou a lecionar no Ciep, em 2010, o professor de Artes, João Paulo Silva, apresentou à comunidade escolar um método menos tradicional para ensinar a disciplina. Ao invés de falar com os alunos sobre as diferentes manifestações artísticas ou orientá-los a pintar e desenhar com a utilização das cores primárias e secundárias, o professor passou a estimular visitas a centros de cultura e a fazer com que os próprios alunos confeccionassem cada um a sua arte.

Nos últimos meses, João Paulo tem procurado trabalhar com os estudantes a relação da arte com a moda. Exibe vídeos, apresenta artistas reconhecidos, leva os jovens a exposições e organiza desfiles de moda onde os estilistas e os modelos são alunos da própria escola. "Eu procuro despertar em cada um a melhor compreensão da arte, mostrar para eles que ela não é só o desenho. Para isso, tento utilizar outros recursos e os alunos acabam gostando da disciplina", afirma o professor.

Prova do prazer que as aulas inovadoras têm despertado na escola é o fato de ter aluno que já faz planos de estudar Artes no ensino superior. Alán Costa afirma que escolheu a carreira na primeira aula que assistiu do professor João. "Ele me apresentou uma ideia de artes diferente. Aprendi que ela pode ser uma forma de ver o mundo e eu quero mostrar para as pessoas o meu modo de entender a vida", declara o admirador do pintor holandês Pieter Mondrian.

Alán Costa na exposição *I am a Cliché*. Durante visita ao CCB, aluno revela desejo de estudar Artes na graduação





► Recentemente, os alunos assistiram a um vídeo sobre o artista Jum Nakao e tiveram o primeiro contato com “A Costura do Invisível” – *performance* realizada em 2004, na Semana de Moda de São Paulo, onde roupas feitas de papel vegetal eram rasgadas no final do desfile. Inspirados em Nakao, os alunos foram orientados a confeccionar um desfile de moda com peças feitas de jornal.

Na busca por enriquecer cada vez mais o universo cultural dos jovens, João procura realizar, sempre que pode, “aulas passeio”. Este ano os estudantes já visitaram duas exposições no Centro Cultural Banco do Brasil. A primeira foi *O mundo Mágico de Escher* e a outra foi *I am a Cliché: Ecos da Estética Punk*.

A aluna Dayane Conceição da Silva aprova as aulas fora da escola: “o bom da exposição é que a gente conhece o contexto em que as coisas aconteceram, em vez de ficar fazendo desenho somente. Queremos conhecer outras coisas, aprender sobre moda, xilografia, música, saber mais sobre os artistas. O bom é ter aulas criativas”, aponta a aluna com muita personalidade. A diretora adjunta Telma Santos, na escola desde 1992, atribui o aumento da frequência à forma atraente com que as aulas vêm sendo realizadas: “os alunos têm manifestado mais interesse pelas aulas de Artes. Percebemos que este é o dia em que menos faltam alunos na escola. O professor tem desenvolvido um trabalho bem interessante e inovador, onde ele mostra não só a arte para os alunos, mas também o mundo”, ressalta a diretora.

As declarações dos alunos e professores revelam que a falta de interesse não existe, mas sim que o mundo moderno apresenta novos recursos para a transmissão do conhecimento. No Ciep Elza Viana Fialho temos apenas um exemplo, entre tantos outros, de como é possível despertar no estudante o interesse pela disciplina. Aqui, por exemplo, os recursos foram exposições, vídeos e moda.



Inspirados no artista Jum Nakao, estudantes posam para fotografia antes do desfile com roupas de papel jornal

Ciep 239 Elza Viana Fialho
Rua Cidade de Lisboa, s/nº – Vista Alegre – São Gonçalo/RJ
CEP: 24723-485
Tel.: (21) 3119-5445
E-mail: aaefialho@ig.com.br
Direção: Sandra Ignácio
Fotos: Marcelo Ávila



Uma varanda cercada de poesias

Obras de Vinícius de Moraes inspiram alunos na produção e interpretação de textos

Tony Carvalho

“Com as lágrimas do tempo e a cal do meu dia eu fiz o cimento da minha poesia”. Essa foi uma das muitas frases escritas pelo poeta e compositor Vinícius de Moraes, que ajudaram a inspirar as crianças do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual Cônego Goulart, em São Gonçalo. Durante cinco meses elas estiveram mergulhadas nos versos e letras do poetinha, escolhido para abrir com chave de ouro o projeto *Varanda Cultural* que, a partir deste ano, passa a figurar na lista de atividades pedagógicas da escola.

De acordo com a coordenadora pedagógica Norma Costa Faria, a ideia do projeto partiu dos monitores do *Mais Educação*, em especial das professoras de Letramento Nádia Cristina Souza e Jordana da Cruz Sanches, e de Douglas Ernesto Fernandes Gonçalves, de Informática. Em seguida, os demais membros do corpo docente da escola se engajaram no projeto e possibilitaram que os resultados fossem alcançados. “A Nádia percebeu que as crianças tinham um potencial muito grande para a produção textual e passou a trabalhar com elas a sensibilidade que o

Vinícius expressava em suas músicas. Com as turmas maiores, o trabalho foi aprofundado, investindo-se na interpretação, na dramatização e nas artes, como pintura e dobradura. Com o material produzido, foram montados murais por toda a escola”, resume Norma.

A professora Nádia destaca que o objetivo do projeto não é o de transformar os alunos em poetas ou compositores, mas em leitores aptos a interpretar o que o artista quis dizer em seus versos. “Foi uma experiência muito boa. Trazer a poesia para a sala de aula é, além de tudo, um exercício do refinamento da sensibilidade tão necessária às relações humanas”, afirma Nádia, acrescentando que a culminância do projeto não significa o fim, mas o apogeu das atividades realizadas. Para a diretora geral da escola, Sandra Bárbara Soares de Melo, o trabalho é um momento marcante na vida da comunidade escolar, tendo refletido de forma positiva no resultado do Saerjinho – sistema de avaliação bimestral feito com alunos do 5º e 9º anos do Ensino Fundamental e das três séries do Ensino Médio das escolas estaduais, com foco em leitura e na resolução de problemas. “A escola ficou em terceiro lugar na avaliação, o



O projeto envolveu os alunos em atividades variadas realizadas nas salas de aula e nos demais ambientes da escola. Durante a culminância, houve entrega de medalhas aos vencedores do concurso de poesia e apresentação das produções de cada turma

O objetivo do projeto é o de transformar os alunos em leitores habilitados a interpretar o que o escritor quis dizer em seus versos



que demonstra que nossos jovens estão produzindo muito bem. A gente já vem trabalhando há vários anos na busca da melhoria da qualidade do ensino, com atividades direcionadas para as dificuldades”, declara. Para o professor Douglas, o *Mais Educação* faz toda a diferença no rendimento escolar do aluno. “O programa atua no contraturno e faz com que o estudante fique oito horas na escola, período em que ele tem a oportunidade de melhorar o rendimento em suas múltiplas dimensões, por meio do reforço em Língua Portuguesa e Matemática, além do leque de atividades esportivas e culturais que complementam a sua formação”, lembra.

A culminância do projeto contou com a participação dos pais, que tiveram a oportunidade de conferir um pouco da produção dos alunos, distribuída em cartazes e painéis. Cada turma também fez apresentações de músicas consagradas de Vinícius, mas o ponto alto do evento foi o concurso de poesias criadas pelos próprios jovens. Coube a um júri a incumbência de avaliar não apenas a obra como a interpretação e a desenvoltura do candidato. O aluno do 5º ano Matheus Pereira de Souza, com a poesia *Biblioteca*, conquistou a primeira

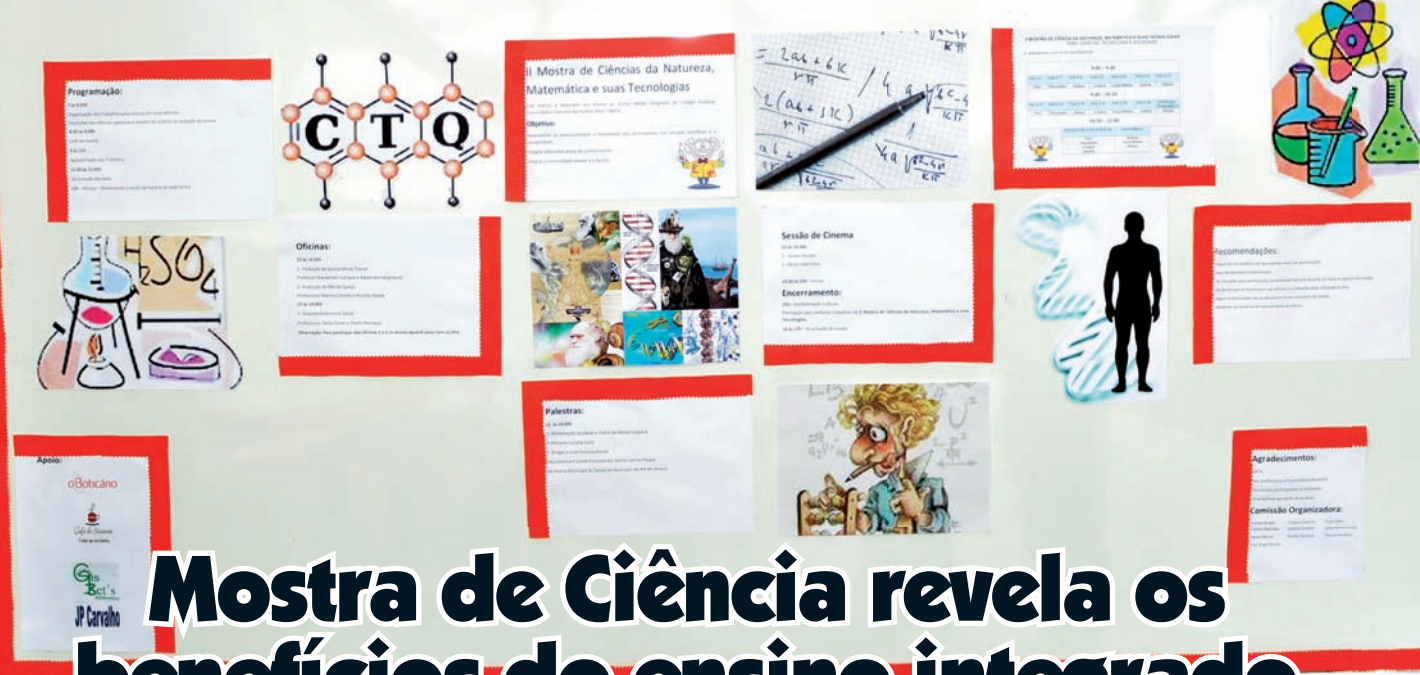
colocação. “Sempre gostei de leitura e de viajar pelas letras, mas o projeto vem incentivando ainda mais a gente a ler e a produzir texto”, diz.

Ao final das apresentações, os semblantes de pais, professores e alunos indicavam que todos ali eram os grandes vencedores. “O projeto trouxe à tona muitos talentos que escreveram poesia, que declamaram; artistas que produziram dobraduras, desenhos fabulosos e pinturas que serviram para compor os nossos murais. Graças ao empenho coletivo de toda a equipe que atua na escola, essas crianças abriram novos horizontes em suas vidas ao aprender lições de amor, de carinho, de sensibilidade e de respeito mútuo”, completa a coordenadora Norma Faria.

Escola Estadual Cônego Goulart
Rua Dr. Pio Borges, 1.287 – Pita – São Gonçalo/RJ
CEP: 24412-000
Tel.: (21) 2729-5767
E-mail: eecgoulart@ig.com.br
Diretora-geral: Sandra Bárbara Soares de Melo
Fotos: Tony Carvalho



II MOSTRA DE CIÊNCIA DA NATUREZA, MATEMÁTICA E SUAS TECNOLOGIAS



Mostra de Ciência revela os benefícios do ensino integrado

Marcela Figueiredo

A II Mostra de Ciências da Natureza, Matemática e Suas Tecnologias, do Núcleo Avançado de Tecnologia de Alimentos (Nata), fez jus à proposta educacional do colégio, que é proporcionar aos estudantes um ensino totalmente integrado. Durante as apresentações dos trabalhos, os alunos deixavam evidente que absorveram não somente o conteúdo de Química, Física e Matemática, mas aprenderam a reconhecer a aplicação de cada conhecimento nas práticas sociais e históricas.

O Nata é uma das unidades escolares do Estado do Rio de Janeiro que tem como objetivo promover um aprendizado, onde, ao mesmo tempo em que se aplicam os conteúdos da educação básica, também se capacitam os estudantes para o mercado de trabalho. No caso do Colégio Estadual Comendador Valentim dos Santos Diniz, vinculado ao Nata, o ensino técnico está direcionado ao processamento de alimentos, em especial panificação e laticínios, mas os alunos fazem questão de destacar que lá não se estuda somente pão e leite.

Juliana Cardoso, uma das professoras que organizaram o evento, explica que a cada bimestre a escola realiza um atividade integrada e que a Mostra foi o método escolhido para trabalhar as Ciências da Natureza e a Matemática: "Desta vez o objetivo foi mostrar a aplicação do conhecimento científico na sociedade, e o bom é que este trabalho tomou uma proporção muito maior do que nós esperávamos". O evento foi dividido em dois momentos. Durante a manhã os alunos demonstraram suas experiências e pesquisas. Na parte da tarde a meta foi fazer com que eles participassem de oficinas e sessão de filmes.



O estudante Gustavo Luan Nunes, durante a apresentação sobre energia alternativa, explicou a relação entre ciência, crescimento e sociedade: "Para apresentar o trabalho tivemos que estudar todo o desenvolvimento econômico e industrial, e aí percebemos que a utilização de energias alternativas é melhor para o planeta, mas não é interessante para o sistema capitalista porque é mais caro".

Ficou evidente que panificação e laticínios têm total afinidade com Sociologia, História, Artes e várias outras disciplinas. Nos trabalhos, os estudantes falaram sobre produção de alimentos, passando pela Revolução Industrial e aquecimento global para explicar que a ciência está presente em praticamente todas as atividades e, dependendo do período histórico e das intenções pessoais, ela pode ser utilizada de diversas formas. "Quisemos mostrar na prática a integração entre as disciplinas e o conhecimento dos alunos. Nessas horas a gente verifica que nosso trabalho está surtindo efeito", afirma a professora de Artes, Amanda Senna, ao justificar a realização do evento.

Para mostrar o quanto a Química está presente no dia a dia das pessoas um grupo de alunos



escolheu um assunto com nome pouco familiar, mas que é uma atividade básica no preparo de qualquer alimento: os processos de dissolubilidade. Juliana Soares exemplifica: "A mistura da água com o sal ou com o açúcar é um bom exemplo disso e muitas vezes não nos damos conta. Queremos mostrar que a Química é legal e se manifesta no nosso cotidiano".

O aluno Vinícius Souza foi mais além e desenvolveu um projeto onde as termoeletricas podem utilizar o sol e o vento na substituição da queima dos combustíveis fósseis na produção de energia. Ele defende o uso desse tipo de recurso como forma de se reduzir o efeito estufa. Todo o processo foi demonstrado através de maquete. Orgulhosa com o resultado do trabalho dos alunos, Natalia Pereira, professora de Sociologia, defende a realização de atividades extraclasse: "o conhecimento deve ir além da sala de aula. Esta é a oportunidade de os estudantes mostrarem o que aprenderam, e a gente consegue perceber o amadurecimento de cada um deles".



Alunos aprendem da Revolução Industrial a outros momentos marcantes da história com intuito de mostrar na prática que a ciência está presente em todos os sabores e saberes

Col. Est. Comend. Valentim dos Santos Diniz – Núcleo Avançado de Tecn. de Alimentos (Nata)
Rua Capitão Juvenal Figueiredo, s/nº – Colubandê – São Gonçalo/RJ – CEP: 24744-560
Tel.: (21) 3708-2500
E-mail: cecvsnata@educacao.rj.gov.br
Diretora: Marta Viveiros
Fotos: Marcelo Ávila



Associados aderem ao *Glamour* do Circuito Light Rio Antigo

Foto: Diego Mendes



Embalados pelo som do choro, numa manhã de céu azul, a Appai brilhou dentro e fora das pistas no Circuito Light Rio Antigo, conquistando os primeiros lugares no geral feminino e masculino (5 e 10 km), e dois terceiros lugares por faixas etárias. Além da hegemonia nas pistas, as tendas montadas pela Associação, tanto a de degustação como a de fisioterapia, receberam medalha de ouro dos Associados da Appai, como foi o caso da professora Rosângela Benício, do Ciep Ministro Gustavo Capanema, em Manguinhos. *“A gente precisa desse incentivo ao esporte e vocês estão de parabéns nesse evento, com a organização e toda essa belíssima estrutura”.*

“Acho ótimo o incentivo que a Appai dá não só para todos os professores como para a família também” – Ana Cristina – Professora no Instituto Ferreira Neto, Fonseca, Niterói.

“Exercício é essencial, principalmente para o professor. Vamos caminhar!” – Márcia – Professora na Escola Telêmaco Gonçalves Maia, na Pavuna.

“Integrar educação com todo esse *glamour* do Rio Antigo é maravilhoso! Dá até para criar uma situação na sala de aula, utilizando os quilômetros rodados, a velocidade, além do percurso” – Ângela – Professora do Ciep Maria Werneck de Castro, em Irajá.

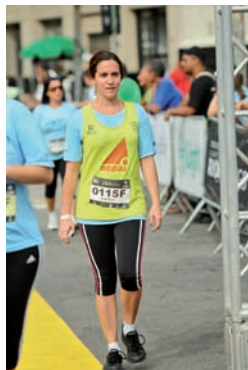


“É a primeira vez que participo da caminhada. Uma experiência inesquecível” – Amanda da Rosa – Professora no Colégio Mário Quintana, em Nilópolis.



“Adorei o convite da Appai. Tudo isso é muito legal e incentiva os professores” – Claudia, professora da Escola Londres, no Engenho de Dentro.

“A organização é muito boa, não só com relação à parte de saúde, mas também com a cultural” – Wilson – Professor da escola de Hotelaria da Faetec.

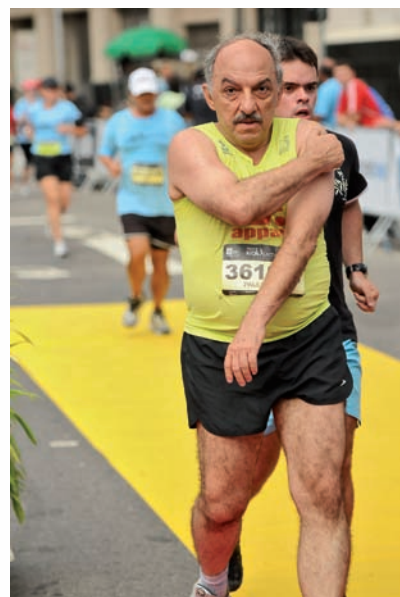


“Estou muito encantada. Fiquei impressionada com a estrutura, com os quiosques, com tudo o que eles ofereceram para nós” – Débora Hushida – Professora no Centro Educacional Espaço Integrado, na Barra da Tijuca.



“A mesa de café da manhã, a fisioterapia e toda a organização, além da felicidade pelo percurso escolhido para a primeira corrida. Foi tudo maravilhoso” – Rose – Professora.

“O evento em geral é 100% saúde. A Appai está de parabéns por fazer um trabalho de apoio muito bom. Oferecendo todo suporte e banheiros químicos perfeitos” – Fernanda Latorre, professora.



“Essa foi a melhor coisa que vocês fizeram. Parabéns à Appai por tudo isso. Eu entrei graças ao incentivo da Appai e ainda conquistei a terceira colocação” – Alexandra – Professora do Ciep 130, em Itaboraí.

“Foi uma iniciativa ótima. Mas deve haver mais divulgação para os associados” – Vânia – Professora na Escola Presidente Antônio Carlos – Cosmos.

Figuras de linguagem nossas de cada dia

Sandro Gomes*

Já demos espaço em nossa coluna para as figuras de linguagem, aqueles recursos que utilizamos, na maioria das vezes sem perceber, e que conferem uma maior expressividade ao nosso discurso. Na ocasião anterior focamos algumas figuras mais comumente estudadas, como a metáfora, a hipérbole e a metonímia. Agora é a vez de outras, não abordadas com tanta frequência, mas igualmente muito empregadas em nossa fala ou texto. Vamos a elas.

Assíndeto – É um recurso estilístico que se caracteriza pelo uso de vírgulas para separar orações que normalmente deveriam vir introduzidas por conjunções ou conectivos.

Exemplo: *Eu trabalhava na matéria, a secretária anotava os recados, o mensageiro cuidava de seus afazeres.*

Repare que a boa norma de escrita recomenda que, por se tratarem de três orações independentes, ao utilizá-las num mesmo período deveríamos empregar elementos de ligação, de modo que, se o autor não tivesse utilizado um recurso estilístico, deveríamos ter algo como:

Eu trabalhava na matéria, enquanto a secretária anotava os recados e o mensageiro cuidava de seus afazeres.

Elipse – Ocorre a elipse quando, visando obter um efeito estilístico, há a omissão de um termo que, no entanto, é identificado sem dificuldades. Observe:

Tantas coisas (foram/são) feitas em benefício da humanidade.

Zeugma – Nesse caso o recurso estilístico consiste em omitir um termo que já havia sido mencionado anteriormente. Veja:

Os estudantes vieram em massa; os professores, (vieram) apenas em discreto número.

Silepse – Aqui a concordância entre termos da oração está presente na ideia, mesmo não ocorrendo

com as palavras. Repare no exemplo dessa canção muito popular em todo o país.

Essa família é muito unida / mas também muito ouriçada / brigam por qualquer razão... (Dudu Nobre)

O autor fala de uma família, mas utiliza o plural do verbo *brigar* (*brigam por qualquer...*). Apesar de faltar concordância em número, compreendemos o que ele quis dizer, afinal são os membros da família (que não estão especificamente mencionados no texto) que praticam a ação de brigar.

Anacoluto – Nessa figura há uma quebra na sequência, de forma que sintaticamente a construção textual não é lógica. O contexto, porém, nos permite compreender com exatidão a mensagem do texto. Acompanhe o exemplo:

Esses eletrodomésticos atuais, não se pode tê-los como grande coisa.

A construção lógica seria: *Não se pode ter esses eletrodomésticos atuais como grande coisa.*

Pleonasma – Nessa figura a expressão estilística ocorre através de uma repetição de significado, configurando a chamada redundância. Veja esse trecho de uma muito conhecida poesia de Vinícius de Moraes:

Rir meu riso e derramar meu pranto...

No entanto, há casos de redundâncias que não têm qualquer finalidade estilística, e que devem naturalmente ser evitadas por constituírem o chamado **pleonasma vicioso**. Infelizmente temos encontrado esse uso com relativa abundância nos meios de comunicação. Tais são os casos de expressões como: *sair para fora, repetir de novo, monopólio exclusivo* etc. Vale, porém, destacar um pleonasma presente em um conhecido ditado popular que, de tanto usado, acabou por ser aceito pela maioria dos estudiosos:

Palavra de rei não volta atrás.

Por enquanto é isso. Até a próxima, pessoal!

*Sandro Gomes é Graduado em Língua Portuguesa e Literaturas Brasileira e Portuguesa, além de Revisor da Revista Appai Educar.

Amigo leitor, dúvidas, sugestões e comentários podem ser enviados para a redação da Revista Appai Educar, através do e-mail: redacao@appai.org.br.



Diversos como os biscoitos

Unidade escolar trabalha diversidade utilizando o alimento que é a festa da criançada

Marcela Figueiredo

Quando assumiu o cargo de auxiliar de biblioteca do Centro de Educação e Horário Integral Monsenhor Pinto de Carvalho, em Angra dos Reis, o professor Márcio Bernardino não estava disposto a limitar seu trabalho à catalogação e empréstimo de livros. Ele queria aproveitar o tempo em que os alunos estão na biblioteca para provocar reflexões e fazer com que eles se atentassem para questões relativas à diversidade.

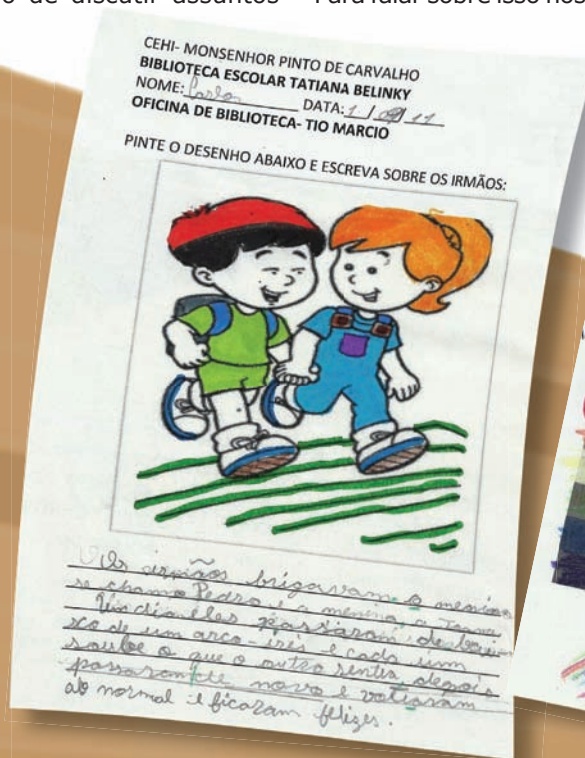
Com o apoio da direção da escola, começou a desenvolver no início do terceiro bimestre o projeto *Diversidade – Narrativas que Integram*, cujo objetivo era abordar de forma interdisciplinar questões que são objeto de preconceitos e discriminação, como: diversidade e intolerância religiosa, relações étnico-raciais, contrução social do gênero, cultura indígena e orientação sexual. Além do desafio de discutir assuntos

tão complexos, houve ainda a preocupação de se trabalhar a alfabetização e o letramento dos alunos. Por isso, buscou-se uma atuação que privilegiasse a análise linguística, a leitura e a produção textual.

Foi um período de atividade intensa com todas as turmas. A cada semana foram abordadas temáticas diferentes, e a culminância foi marcada com a Festa do Biscoito. O método utilizado foram oficinais com música, contação de história, apresentação de vídeos, brincadeiras e bate-papo. Em todas as fases do trabalho os alunos eram estimulados a manifestar opinião sobre os temas propostos, seja através das falas, textos ou desenhos.

Quando indagado sobre o desafio de tocar em assuntos tão polêmicos, Márcio Bernardino afirma que a questão da diversidade é um tema que deve ser trabalhado nas escolas: "Os diferentes são ridicularizados. Para falar sobre isso nós temos que levar em considera-

Alunos das séries iniciais mostram as suas visões de mundo acerca de questões consideradas para gente grande



CEHI- MONSENHOR PINTO DE CARVALHO
BIBLIOTECA ESCOLAR TATIANA BELINKY
NOME: Clara DATA: 4/09/11
OFICINA DE BIBLIOTECA- TIO MARCIO

CRIE UM NOME PARA SUA BORBOLETA:



POR QUE A BORBOLETA BRANCA ERA IMPORTANTE?
Porque ela é branca e não todas
as outras desenharam sem falar
no glúglio nem nos.

CEHI- MONSENHOR PINTO DE CARVALHO
BIBLIOTECA ESCOLAR TATIANA BELINKY
NOME: Samanta DATA: 11/09/11
OFICINA DE BIBLIOTECA- TIO MARCIO

COLOQUE NA MENINA AQUI O CABELO BEM BONITO.
QUE NOME VOCÊ DÁ PARA O CABELO?



CEHI- MONSENHOR PINTO DE CARVALHO
BIBLIOTECA ESCOLAR TATIANA BELINKY
NOME: Ilana DATA: 06/02/17
OFICINA DE BIBLIOTECA- TIO MARCIO

DESENHE AO LADO O QUE SE PEDE:

ÍNDIO:



ARCO E FLECHA:



ALDEIA:



PEIXE:



OCA:



CEHI- MONSENHOR PINTO DE CARVALHO
BIBLIOTECA ESCOLAR TATIANA BELINKY
NOME: Isabella DATA: 07/07/11
OFICINA DE BIBLIOTECA- TIO MARCIO

CONSTRUA UM TEXTO UTILIZANDO AS PALAVRAS ABAIXO:

ÍNDIO, OCA, ARCO E FLECHA,
PEIXES, ANIMAIS, NATUREZA,
MÚSICA, INSTRUMENTOS, TRIBOS,
ALDEIA, CACIQUE E DANÇAS.

Os índios Guarani vivem
em oca, eles usam arco e
flechas para caçar e
seguem a natureza e
trabalham na agricultura
em aldeias musicam e dançam
em aldeias e usam instrumentos
para fazer música e dançar
em aldeias e usam instrumentos
para fazer música e dançar
em aldeias e usam instrumentos
para fazer música e dançar

ção a realidade local e buscar desconstruir os preconceitos. É um processo longo, mas temos que começar e dar continuidade”.

O dia 23 de setembro foi a data escolhida para a culminância, quando foi dada aos alunos a sugestão de cada um levar um pacote de biscoitos que, apesar de distintos, eram todos saborosos. “As variadas formas, texturas, sabores, marcas e cores que os biscoitos apresentam podem ser associadas ao referido assunto, possibilitando a reflexão sobre as diferenças e aceitação da diversidade”, diz o texto do projeto.

Inicialmente a proposta foi vista com um pouco de receio por alguns professores. Mas as barreiras foram logo ultrapassadas e não demorou muito para

que todos estivessem abraçando a causa. O resultado foi tão positivo que novos projetos estão sendo pensados. A ideia é que no próximo ano letivo seja trabalhado um subtema a cada bimestre.

Centro de Educação e Horário Integral Monsenhor Pinto de Carvalho
Praia de Enseada das Estrelas, s/nº – Ilha Grande – Angra dos Reis/RJ
CEP: 23968-970
E-mail: pedagogomarcio@gmail.com
Direção: Aline Ramos
Fotos cedidas pela escola



Feira Integrada

Projeto propicia a mostra de inteligências e habilidades dos alunos do Ciep 380



Tony Carvalho

Identidade é o conjunto de caracteres próprios e exclusivos de uma pessoa, quer diante do conjunto das diversidades, quer ante seus semelhantes. E foi com o tema *Identidade. Identifique-se!* que o Instituto de Educação Belford Roxo – Ciep 380 – promoveu sua 16ª feira integrada. O evento fez parte da celebração dos 15 anos da instituição e trouxe como proposta o resgate da história, fatos e pessoas que contribuíram na formação da identidade do IEBF. A feira foi coordenada pelas professoras Graciele Pereira, de Sociologia; Isabel Cristina, de História; e Marilei Venial e Vera Lúcia Rodrigues, de Língua Portuguesa. “Através da Feira Integrada, os alunos podem

mostrar as suas inteligências e habilidades, interagir em grupo e apresentar, além dos muros da escola, um pouco do que aprenderam”, explica a professora Graciele.

Toda a equipe de professores e os 850 alunos das 22 turmas de período integral estiveram envolvidos com a feira, que ocupou boa parte do pátio de estacionamento do maior supermercado da cidade. Os organizadores calculam que cerca de três mil pessoas tenham comparecido ao evento, motivadas pelo amor que têm pela escola e pelo desejo de contribuir para um ensino de qualidade. Para a diretora do Instituto, professora Vilcea de Fátima Nunes de Azevedo, a feira já é uma tradição no município e propicia um momento de realização da escola. “Nossa cidade é muito carente em questões sociais e culturais, e o IEBF é a única escola de formação de professores do município. Os nossos alunos fazem parte da história da cidade, atuando como profissionais da Educação e como construtores de um futuro melhor para todos”, justifica.



Organizadas em estandes, cada turma trabalhou com um subtema específico: a turma 4003 abordou a maioria feminina nos cursos normais: identidade ou preconceito?

Além das apresentações de trabalhos nos estandes, a Feira contou também com números de danças, desfiles de mascotes e eleição da normalista do ano



Organizadas em estandes, as turmas abordaram diversos subtemas: a arquitetura e topografia das escolas; a origem do primeiro Instituto de Educação no Rio de Janeiro; as inovações tecnológicas em sala de aula e a universalização da Educação Básica foram alguns deles. Cada turma contou com um professor orientador, que ajudou os alunos no desenvolvimento do projeto. A professora da disciplina de Educação Infantil, Renata Moreira Célia, trabalhou com a turma 1002 a história de Belford Roxo, enquanto Ricardo Góes, de Artes Cênicas, orientou a turma 1006 no subtema *Teatro e Educação*. No estande, os visitantes passaram por experiências teatrais, como aquecimento de corpo e voz, além de atividades com músicas e poesias.

A professora de Educação Especial, História e Filosofia da Educação, Luzinete Navega, orientou a turma 3004, que abordou o *glamour* das escolas normais. O visitante pôde fazer uma viagem no tempo e conferir como, no início dos anos 1950, ocorreu a expansão do ensino de magistério no Brasil e traçar um paralelo com os dias atuais. A professora de prática pedagógica, Jane Dias, ajudou a turma 4002 a refletir sobre o subtema *Ser professor não é engraçado*. Segundo

Jane, a proposta foi discutir as questões ligadas à profissão e sua importância no contexto atual. O aluno Adeilton dos Santos frequenta o 3º ano do curso e participou de um grupo que trabalhou com o subtema *Dançamos nos expressamos*. Para ele, que já está estagiando, o professor de hoje deve estar antenado com as novas tecnologias e contar com ferramentas como o teatro, a dança e a contação de histórias para conseguir despertar o interesse das crianças. A aluna Mariana Coelho ainda está no 1º ano, mas concorda que o ensino precisa ser atraente aos olhos da criança. Segundo ela, o desafio constante é que a motivou a escolher essa formação.

Além das apresentações de trabalhos nos estandes, a Feira contou ainda com apresentações de danças, desfiles de mascotes e eleição da normalista do ano. Para a diretora pedagógica regional, Denise de Oliveira, a feira integrada é um marco na educação da Baixada, que possibilita aos futuros professores um contato com a comunidade: "Nós temos que investir no Instituto de Educação, pois os alunos de hoje são os professores de amanhã. O estudante sai muito mais preparado para a vida depois de fazer parte de projetos como este".



Ciep 380 – Instituto de Educação Belford Roxo
Rua Almeida Santos, s/nº – Vila Santo Antônio da Prata – Belford Roxo/RJ
CEP: 26130-420
Tel.: (21) 2661-1092
E-mail: ciep380@gmail.com
Diretora: Vilcea de Fátima Nunes de Azevedo
Fotos: Tony Carvalho



Verdescobrindo a vida

Feira mostra como reduzir a degradação do meio ambiente

Claudia Sanches

Enchentes, doenças e catástrofes. A simulação de um rio limpo e outro poluído, um contraste que chama atenção da comunidade a refletir sobre o que o homem pode fazer para mudar o destino do planeta



A escola deve ser um lugar que permita ao aluno pensar, aprender e agir. Para contemplar o Ano Internacional das Florestas e contextualizar a vida dentro das Ciências, a Escola Municipal Prefeito Alberto Goulart de Souza, em Itaguaí, realizou a Feira de Ciências com o tema *Verdescobrindo a vida*, com turmas do pré-escolar ao 9º ano.

Com muita empolgação na abertura do evento, que contou com a participação de toda a comunidade, a diretora do colégio, Marina Corrêa, ressaltou a importância do trabalho para valorizar o espírito coletivo: "A feira permitiu a troca de experiências sobre a vida do nosso próprio planeta, e espero que essas práticas cheguem a outros educadores". A coordenadora pedagógica Ana Paula Pereira se surpreendeu com a participação dos grupos e resultados do empreendimento: "O principal objetivo desse projeto é conscientizar e promover atitudes no cotidiano. A motivação do corpo discente se traduziu nos cuidados com o meio, como a limpeza do pátio e o uso racional da água. Mas o que encanta é a participação de todos", afirmou.

A mostra foi idealizada pelas professoras de Biologia Isabela Macedo e Rose-Mary Peña, mas foi apropriada por todos os docentes e alunos, conforme conta a diretora: "Cada turma trabalhou um tema dentro do assunto meio ambiente de forma interdisciplinar. O projeto explorou de vários ângulos as diferentes explicações sobre o mundo, fenômenos da natureza e transformações provocadas pelo homem".

Com a chamada "Venha verdescobrir a vida" Evelyn Tavares trabalhou com as turmas do pré-infantil a partir do livro *A Baleia*, de Claudio Feldman. Segundo a docente, os desenhos traduzem o olhar de cada criança através do livro. Evelyn explorou bastante as ciências e a arte da dobradura. Já a professora Eliane Araújo, também da Educação Infantil, criou histórias com os pequenos a partir de gravuras. Os alunos foram ao zoológico e realizaram atividades envolvendo a fauna e o folclore brasileiros.

Sob orientação da professora Michele Vaz o 5º ano alertou as pessoas para a necessidade da preservação através da literatura. "De longe o planeta é pequeno, mas de perto é grande", apontava a pequena Karina. A partir do livro *De olho na Amazônia*, de Ingrid Biesemeyer, os alunos fizeram um corredor com o enredo,

onde os visitantes transitavam pela sala e eram encaminhados de fora do planeta até o interior da floresta amazônica. "A ideia era mostrar como a Amazônia, que parece tão longe quando a olhamos no mapa, é na verdade tão perto. Procuramos levar o espectador, de uma forma lúdica, para uma viagem, denunciando o desmatamento e as influências no aquecimento global", explica Michele.

Com a faixa "Reciclar é preciso...e divertido", o 4º ano trabalhou a unidade dentro do planejamento, que é a reciclagem. Para a orientadora responsável, Denise Navega, o que mais chamou atenção foi a criatividade do aluno no trabalho com sucata: "Cada um chegava com um objeto ou brinquedo e me surpreendia. Nessas aulas não tem bagunça, e a descoberta da capacidade de produção levanta a autoestima das crianças".

A turma do 5º ano, com o título "Parque ecológico", dava dicas, através de maquetes, de como as pessoas, com simples atitudes, poderiam melhorar a qualidade de vida. Para falar sobre a importância das águas e mostrar como eram os rios, a turma do 4º ano montou duas maquetes representando duas realidades contrastantes: um rio poluído pela população e outro conservado.

O 8º ano trabalhou a questão da alimentação saudável a partir dos conteúdos estudados em sala de aula. Os jovens falaram sobre os sistemas circulatório e digestivo, para mostrar a necessidade da prevenção de doenças através de uma prática alimentar de melhor qualidade. Para interagir com o público o aluno André explicava como fazer um queijo, enquanto Scarlet promovia uma experiência para trabalhar os cinco sentidos. Além disso, os alunos apresentaram receitas alternativas. Quem passou pela turma pôde provar o delicioso doce de casca de melancia.

O ecossistema ficou por conta do 7º ano. O grupo explicou em detalhes o que são os fitoplânctons, vegetais microscópicos responsáveis pela produção de oxigênio. Segundo Isabela Macedo a proposta era contextualizar o que as turmas estão trabalhando nas aulas. "É muito satisfatório ver a participação de toda a instituição para falar sobre a importância de salvar a nossa casa".

Como em Física os alunos estavam trabalhando as leis de Newton, foi oportuno tomar uma delas, segundo a qual toda ação produz uma reação, o que serviu para os educadores aproveitarem para adaptar esse conceito para a questão da natureza. "Se jogarmos lixo nos rios eles vão transbordar", traduz Isabela. Para isso o 9º ano produziu o filme *O fim do mundo* sobre as transformações causadas pelo homem no mundo e as possíveis alternativas para tornar a vida mais sustentável. A projeção foi finalizada com a música *O sal da terra*, de Beto Guedes.

Os jovens também apresentaram a casa ecológica, que reduz a exploração dos recursos naturais através de medidas como teto solar, sistema de reaproveitamento de águas, uso de lâmpadas fluorescentes, que reduzem em 80% o gasto de energia, entre outras ideias. A coordenadora de Ciências da Secretaria Municipal de Educação de Itaguaí, Evelyn Liberato, que oferece apoio aos projetos da disciplina e prestigiou o evento, ficou satisfeita com o comprometimento e entusiasmo dos alunos: "A criatividade e a capacidade desses jovens é muito grande. Nós só jogamos as propostas, mas são eles que produzem tudo com alegria e sempre nos surpreendem", conclui a educadora.



Um convite para olhar o meio mais de perto: através da literatura e das artes alunos falam sobre curiosidades da floresta amazônica, da relação dos índios com a natureza e propõe destinos divertidos para o lixo



Escola Municipal Prefeito Abeilard Goulart de Souza
Rua Jonas Costa Pereira, s/nº – Parque Paraíso – Itaguaí/RJ
CEP: 23815-100
Tel.: (21) 2688-5267
E-mail: escolaabeilardgoulart@itaguai.rj.gov.br
Diretora: Marina Corrêa
Fotos: Marcelo Ávila



Uma ideia maneira

Projeto supre carência de jovens e
promove mudança de atitudes

Claudia Sanches



Evasão escolar, repetência. Falta de professores. Desmotivação do corpo docente e discente. Esse era o retrato do Colégio Estadual Professora Jeannette Manarinno, localizado em Campo Grande. A escola de Ensino Médio estava abandonada. "Não se pensava nada no aspecto pedagógico. Eu me perguntava o que poderia fazer pela escola", explica Márcio Nacif.

Com intuito de reverter esse contexto Nacif idealizou o projeto *Dando uma ideia maneira*. A professora

de Geografia Maria Angélica Soares, sensibilizada com a situação do colégio, que estava na época sem gestão e coordenação, apostou no trabalho. "Acreditei na proposta de mudar o contexto, e o ambiente escolar deve ser um lugar prazeroso e agradável. Os objetivos eram a organização dos professores e a motivação dos estudantes", conta Maria Angélica.

A estratégia projetada para atrair os alunos foi selecionar vários temas para trabalhar com os ado-



lescentes: "A primeira providência foi montar uma equipe e dividir os tópicos por professor. Depois mostramos os assuntos do cotidiano para os alunos e conversamos sobre as ideias maneiras que eles poderiam ter", confirma Nacif. Não foi difícil obter a participação deles, que deram logo retorno com os assuntos abordados. Subdivididos pelas turmas e turnos da escola, exploraram temáticas como gravidez precoce, drogas, preservação ambiental e a reciclagem, racismo e homofobia, *bullying*, saúde alimentar, doenças sexualmente transmissíveis, família e respeito, além da questão da violência.

Para Maria Angélica o maior desafio seria conquistar parceiros para a realização do projeto. Mas para a surpresa, apresentada a proposta, o trabalho ficou aos cuidados dos alunos. O professor era apenas orientador das turmas: "Consegui contagiar os colegas de trabalho. Todas as tentativas de obter material relativo aos temas desenvolvidos estavam por conta e responsabilidade dos jovens", conta.

Segundo Nacif, o projeto revelou a falta de informação da clientela. Para a maioria dos adolescentes, era a primeira vez que tinham um tempo para reflexão e questionamentos. Não foi difícil atrair a participação do corpo discente: "O que muito me chamou atenção foi a rodinha para esclarecimentos sobre DST, principalmente as perguntas feitas por eles. A desinformação é muito grande", explica.

Maria Angélica desenvolveu com os alunos uma ação voltada para o meio ambiente, e os grupos transformaram óleo usado de cozinha em sabão. Eles recolheram o material em suas casas e estabelecimentos comerciais. "O importante foi que eles se conscientizaram de que aquele material poderia estar contaminando o solo, e por isso continuam trazendo para a escola. Nós pretendemos dar continuidade ao recolhimento e buscar contato com empresas de transformação do material, para trocar por uma copiadora para o colégio".

As equipes montaram um esquema de produção empresarial, dentro das possibilidades. As turmas de 3º ano colaboraram com a parte de *design*. "Elas precisavam de uma apresentação para estande, e então confeccionaram faixas, pôsteres, ímãs de geladeira. Juntamos 60 litros de óleo", lembra.

Com outra turma a professora explorou o racismo. Eles produziram um vídeo abordando o assunto em forma de debate com perguntas e respostas na própria escola. Para definir o preconceito, perguntavam às pessoas se elas já se sentiram discriminadas em alguma situação de trabalho ou social. A maioria das pessoas já tinha sentido preconceito por cor ou situação social ou no trabalho.

Um vídeo sobre alcoolismo e *crack* chamou bastante atenção e deixou as pessoas muito comovidas no dia da apresentação. Segundo Nacif, apesar do fundo religioso, e da questão pesada, o resultado ficou tão suave que não se percebia: "Eles se inspiraram em religião, mas a verdade é que ninguém sai desse vício sozinho; tem que ter algum apoio", reconhece o educador.

Para embasar outras produções, os estudantes foram ao Corpo de Bombeiros do Estado do Rio de Janeiro, com ofício, para fazer entrevista e participar de uma palestra. "Eles ficaram nervosos porque estavam conversando com autoridades. Depois foram ao posto de saúde pedir panfletos e preservativos, e então ficaram mais envergonhados ainda. Nessas situações nós intervimos: mas vocês são cidadãos. Aí ensinamos como entrar, falar, como sair; aí entram filosofia, ética, cidadania", afirmou Maria Angélica.

Segundo a docente, que supriu o papel de coordenação pedagógica, desenvolver projetos dá trabalho, mas o retorno é gratificante e estimula o gosto pela educação, porque os resultados são visíveis na mudança de atitude: "Não vou dizer que é fácil. Temos que parar, ver caminhos alternativos, e aí esbarramos em dificuldades. Mas sabemos que eles têm capacidade, pois basta oferecer oportunidades e eles nos dão *feedback*. Mostramos o tema e eles trouxeram muitas ideias maneiras. Os alunos ainda nos deram mais um presente: a chance de a gente gostar de ser professor".

Colégio Estadual Profª Jeannette S. C. Manarinho
Rua Olinda Ellis, 45 – Campo Grande – Rio de Janeiro/RJ
CEP: 23015-000
Tel.: (21) 2333-6872
E-mail: cejama@hotmail.com
Diretora-geral: Katia Pires das Chagas
Ilustração: Luiz Cláudio de Oliveira



Brasil e suas diversidades

Um encontro de cultura,
riquezas e valores

Claudia Sanches

Produzir um ambiente que promovesse uma atividade para a comunidade e quebrasse a rotina da sala de aula. Esse era o desafio da equipe pedagógica do Ciep Deputada Cristina Tavares, localizado no bairro Santa Izabel, em São Gonçalo, uma vez que a maioria dos alunos mora no entorno e não costuma sair para outros bairros. O projeto *Brasil e suas diversidades*, que culminou na I Feira Multicultural, com estudantes do 5º ao 9º anos, surgiu da necessidade de oferecer experiências diferentes ao colégio. “Para ampliar o universo dos alunos e realizar um trabalho diferente do dia a dia da escola, pensamos a feira como uma oportunidade de conhecer as diferenças e respeitá-las, levando em conta que o compromisso com a Educação não se resume apenas às tarefas curriculares”, explica o diretor Marcus Vinícius.

Segundo a diretora adjunta Ana Cristina Ximenes, não foi difícil conquistar para o trabalho a adesão dos docentes, que precisavam dessa motivação. “Na reunião dividimos os temas e falamos sobre a necessidade de sair da acomodação e movimentar as crianças, que têm necessidade de se sentir parte da escola. Para mim, que sou da diretoria, foi gratificante porque sempre ficamos distanciados da sala de aula e, desse modo, pude estar próxima do corpo docente”.

Na mostra cultural, as turmas do primeiro segmento do Ensino Fundamental também interagiram com os estandes. Foi o caso do aluno Marcelo, do 4º ano, que participou da oficina de xilogravura da professora Regina Murta, de Língua Portuguesa. “Olha como o meu desenho está lindo”, exibia orgulhoso seu livro na corda. Em sala de aula o grupo estudou figuras de linguagem para produção textual e pôde perceber as estruturas das composições literárias do Nordeste. Regina também levou para a sala de aula vídeos sobre o gênero literário. Quem participava da oficina aprendia a técnica do cordel e expunha seu trabalho. Outro grupo fez um telejornal: redigiu matérias, realizou entrevistas e reportagens durante a feira.

Da arquitetura nacional aos sabores de outros continentes

A professora Marli Boaventura, do 5º ano, trabalhou as frutas nacionais. Durante a exposição, muitos estudantes e visitantes ficaram intrigados ao descobrir que a banana e o maracujá não são originários do Brasil, mas da Ásia, e puderam experimentar vários sucos, inclusive de frutas nativas



Para valorizar a cultura brasileira, equipes exploram variados tipos de linguagens: literatura, telejornalismo, arte popular e arquitetura. Alunos e visitantes produziam seus próprios textos e livros de cordel durante o evento



do país, como graviola, açai e pitanga. Os expositores também levaram um pouco da arquitetura nacional para o evento. Os professores João Paulo Ferreira, de Educação Artística, e Thiago Arrenta, de Matemática, trabalharam com a turma do 7º ano a relação



Contrastes: o colorido da favela e o preto e branco das calçadas de Copacabana chamavam atenção para a diversidade cultural e as desigualdades do país



entre a geometria e a arte. As produções despertaram bastante a curiosidade da comunidade. Muitas pessoas tiveram oportunidade de conhecer a obra de Oscar Niemeyer pela primeira vez, através de visita ao Museu de Arte Contemporânea (MAC), onde tomaram contato com várias obras do arquiteto. Os alunos fotografaram, desenharam e reproduziram maquetes que ali estavam em exposição.

O professor Paulo aproveitou que estavam falando sobre Renascimento e lançou a noção de perspectiva. Segundo ele, o grupo trabalhou esculturas com três tipos de material: papel, arame e argila. "A ideia era proporcionar experiências com artigos diferentes", explica.

Em aula prática, a turma observou e desenhou o Ciep, uma obra do Modernismo. O aluno Johnisson reproduziu o Memorial da América Latina, enquanto Hiago representou o Ciep com papel e papelão. Outros fizeram esculturas com argila. A partir da Arte Moderna Thiago explorou as figuras geométricas: "Na confecção das peças eles percebiam as formas que mais eram utilizadas na arquitetura moderna, em que predominavam as retas". O docente aproveitou para lembrar os cálculos matemáticos usados nas construções. Quem visitou o estande pôde participar da oficina de maquete em arame. Alunos de outras turmas tiveram oportunidade de conceber sua própria obra-prima a partir das construções de Niemeyer.

Flávia Costa, de História, e Sandro Correa, de Ciências, exploraram o tema *água* de diversos ângulos. Flávia falou sobre o seu uso em diversas religiões, como no Islamismo, onde é usada para purificação a cada reza; no Catolicismo, para o sacramento



do batismo e no Candomblé, em que se

usa água dos rios e cachoeiras. O pequeno Phatryck apresentou o tema, mostrando como aproveitar o precioso líquido da melhor forma.

Os pneus expostos chamavam a comunidade para a questão da dengue e a contaminação dos solos, um problema da região. Sob comando de Sandro, os estudantes do 6º ano e de toda a escola saíram pelo bairro recolhendo pneus abandonados e conscientizando os moradores. A ideia é fazer campanha, despoluir o meio ambiente e utilizar o que foi coletado para plantio de mudas e para arborizar o Ciep. A comunidade escolar já está cuidando do futuro jardim. Entusiasmado, Sandro comemora: "O Brasil tem grande potencial criativo. Enquanto trabalhamos projetos com essas crianças, estamos contribuindo para um país melhor, já que estamos transformando todas elas em cidadãos que se adaptem a esse mundo multicultural e sejam capazes de transformar sua realidade", conclui. ■

Ciep 421 Deputada Cristina Tavares
Rua Bonsucesso s/nº – Santa Izabel – São Gonçalo/RJ
CEP: 24737-580
Tel.: (21) 3715-3188
E-mail: ciepcristinatavares@yahoo.com.br
Direção: Marcus Vinícius de Lima Silva
Fotos: Tony Carvalho

Interação: os jovens competiam com os amigos das outras turmas, no estande de desafios. Todas as peças foram confeccionadas com material reaproveitado

Revendo a história

Projeto conduz jovens ao passado através do legado deixado por grandes personalidades

Marcela Figueiredo

Em todas as áreas e profissões é possível apontar pessoas que se destacaram em seu tempo, seja pelas ideias ou pela habilidade no que se propuseram a fazer. Não raro, elas acabam determinando padrões de pensamento e atitudes. Com o objetivo de rememorar os feitos de gente que se destacou, a Escola Municipal Moacyr Padilha organizou o projeto *Feira Cultural – Grandes Personalidades*, onde os alunos expuseram a história e o legado de pessoas que fizeram a diferença.

No cotidiano da escola, professores sentiram a necessidade de apresentar aos estudantes a vida de personagens que se tornaram importantes para a humanidade. Como a feira já é realizada anualmente e é um momento de integração entre todos os membros da escola, ficou decidido que em 2012 o assunto seria “Grandes Personalidades”. As turmas desenvolveram o tema e, através de pesquisas, músicas, desenhos, cartazes, dança, teatro, maquetes e jogos, expuseram seus trabalhos.

Por ser um tema amplo, as turmas trabalharam com subtemas e escolheram retratar pessoas de acordo com a área proposta, entre elas música, esporte, literatura, ciências, artes e política. Na música, os escolhidos foram Elvis Presley, Michael Jackson e Renato Russo. Além de pesquisar sobre a vida de cada um desses artistas, os alunos prepararam uma encenação na qual a sua trajetória era contada utilizando as músicas interpretadas por eles próprios. Na literatura, um dos homenageados foi Monteiro Lobato. Para retratar um dos maiores autores da literatura infantil os estudantes incorporaram os personagens do Sítio do Pica-Pau-Amarelo, com direito a Saci, Visconde de Sabugosa, Emília, Cuca e todos os outros.

Carlos Eduardo Fortunato, professor de Geografia, resgatou com a turma a memória de personalidades negras. “A intenção foi tentar diminuir o preconceito racial e mostrar que o negro é destaque em diversas áreas da sociedade. Na política, por exemplo, temos Nelson Mandela; na música, Gilberto Gil; no esporte, tem o Pelé, além de uma grande personalidade histórica, que é Zumbi dos Palmares”, enumera o professor.

Quem faz a diferença no cotidiano da escola também teve seu nome, fotografia e biografia expostos no dia da culminância. Todos tiveram espaço: aluno, professor, funcionário e responsável. Para valorizar essas personalidades tão próximas, foi



A caracterização foi um dos elementos utilizados pelos alunos da Moacyr Padilha para homenagear as grandes personalidades



criado um mural, no qual foram colocadas fotografias dos alunos que se destacaram, seja pelo comportamento, pelas notas ou por alguma habilidade específica. Um jornal também foi idealizado, permitindo que alunos-repórteres noticiassem o cotidiano e retratassem os personagens da escola. A professora Suelen Sales explica que "a intenção foi mostrar aos estudantes a diferença entre famosos e personalidades. "Personalidade é quem faz a diferença", destaca a professora de Língua Portuguesa, que utilizou a estrutura do jornal para orientar os alunos a desenvolverem a competência argumentativa.

No editorial do "Jornal da Moacyr", o aluno Hugo Gabriel, da turma 1701, expõe o que para ele é ser personalidade: "Eles não estão somente nos grandes jornais, na televisão, revistas e redes sociais. Grandes cidadãos também são encontrados em locais simples, mas significativos, como as escolas. E a Moacyr Padilha é um exemplo inegável disso. Aqui, grandes personagens deixaram suas assinaturas nas várias obras que foram construídas ao longo do tempo, tornando a instituição um grande campo de dedicação e reconhecimento".



Palco de grandes eventos internacionais nos próximos anos, o Rio de Janeiro ganhou lugar privilegiado na feira cultural com o trabalho *Do Brasil Colônia à Agenda do Porvir*, elaborado pela turma 1601, sob a orientação da professora Simone Barros. Nele, ganharam destaque grandes figuras que passaram pela cidade desde o Brasil colônia até os dias atuais. Entre elas estão Estácio de Sá, Dom João, Dom Pedro, Getúlio Vargas, Pereira Passos, Chiquinha Gonzaga, Cazuza e Zico. A professora de Matemática salienta que "o objetivo foi apresentar aos alunos os personagens da nossa história e fazer com que eles reconhecessem as pessoas no tempo".

Outras grandes figuras como Ayrton Senna, Charles Chaplin, Portinari, Ziraldo, Carlos Chagas e Oswaldo Cruz foram lembradas pelos alunos. Além de um profundo trabalho de pesquisa, os estudantes puderam exercitar a criatividade e conhecer um pouco mais a fundo as pessoas que fazem a nossa história.



Escola Municipal Moacyr Padilha
Rua General Gomes de Castro, 30 – Padre Miguel
– Rio de Janeiro/RJ
CEP: 21721-000
Tels.: (21) 3333-1920 / 3337-8131
E-mail: empadilha@pcrj.rj.gov.br
Coordenadora Pedagógica: Márcia Sant'Anna
Fotos: Marcelo Ávila



Leitura em QUADRINHOS

Com elementos narrativos que aproximam o público jovem do seu cotidiano, os quadrinhos têm sido um forte aliado no estímulo à leitura

Antônia Lúcia

Uma das características desse gênero textual é a sua capacidade de surpreender o leitor. Dotada de vários elementos narrativos, a história em quadrinhos hoje não é mais encarada como uma leitura voltada apenas para as crianças. Cada vez mais presente nas questões de concursos de níveis fundamental, médio e superior, a linguagem dos quadrinhos tem alcançado uma parcela significativa de leitores juvenis. Essa relação tem como base, não só a linguagem e a forma como ela é apresentada a esses leitores, mas, sobretudo, a aproximação dos enredos com o cotidiano desses jovens.

Na escola Estadual Humberto de Campos, localizada em Nova Iguaçu, as histórias em quadrinhos dialogam não somente com as disciplinas de Língua Portuguesa, mas com todas as demais do currículo escolar, a fim de estimular a interação e fomentar a leitura entre os alunos do Ensino Fundamental. Idealizadora do projeto *Crescendo e Aprendendo com os Quadrinhos*, a professora Ana Cristina L. Barroso, também coordenadora do projeto *Ler ótimo*, provou na prática que ler e interpretar um texto pode ser muito mais prazeroso quando se trabalha com produções que vão ao encontro do cotidiano do aluno.

Levando em conta que boa parte dos alunos brasileiros não consegue interpretar o que lê, Cristina resolveu buscar outros caminhos que os ajudassem a ter melhor aproveitamento na área. De acordo com a coordenadora, falar em interpretação textual entre os educandos é algo que já costuma criar um certo desconforto, cabendo à escola buscar atalhos para quebrar essa resistência. Como furar esse bloqueio? Uma das primeiras coisas que veio à cabeça da professora foi que deveria ser usado um material interessante, que fizesse parte da realidade das turmas, e que, consequentemente, provocasse o prazer de ler e descobrir o destino final dos personagens.

A partir desse contexto entrou a história em quadrinhos na sala de aula dos alunos do 6º ao 9º anos, pois, além de serem textos prazerosos, explica Cristina, eles trazem o dinamismo simples das construções de sentido facilmente perceptíveis, sem contar que têm ampla aceitação do público juvenil. Como o procedimento de interpretação de textos vai além de perguntas óbvias e fichas de leitura, Cristina foi ao encontro de alternativas como dramatização, pintura, fotografia, oficinas e outras atividades que levassem a classe a refletir sobre o tema para que houvesse melhor entendimento e aproveitamento dos textos lidos.



Parte do material usado foi levada à escola pelos próprios alunos, afirma Cristina. "Eles foram incentivados a levar para a classe, não só quadinhos, mas todo assunto ligado ao tema do projeto, incluindo reportagens e pesquisas da internet". Em sala, cada professor, dentro de sua disciplina, explorou nos textos conteúdos pertinentes à sua área. No entanto, o foco em todas as tarefas foi o estímulo à leitura, escrita, compreensão textual e desenvolvimento do senso crítico.

De acordo com os estudos do educador Vygotsky o pensamento não se torna presente apenas em palavras; ele se faz sentir por meio delas. E foi exatamente isso que se viu nos resultados dos muitos trabalhos expostos durante a culminância do projeto. A interpretação não estava apenas restrita à oralidade de cada aluno, mas, sobretudo, na proficiência com que todos narravam e dissertavam sobre suas produções.

Além de estimular o prazer à leitura, as tarefas e atividades realizadas desde o início do projeto visaram valorizar a criatividade dos jovens, dando a eles a oportunidade de mostrarem o que conseguiram aprender no transcorrer do trabalho. Em relação à oralidade, a atividade propiciou aos estudantes o desenvolvimento de habilidades já conhecidas entre eles – entonação, dicção, pontuação correta e fluência –, mas até então não usadas de maneira eficiente. "Os resultados das leituras orais foram excelentes, muitos perderam a timidez de falar em público, se caracterizaram de personagens das histórias em quadrinhos e leram textos para os colegas", assegura a coordenadora Cristina.

Na opinião da diretora Núbia R. Gonçalves, um dos pontos positivos do projeto foi ver que a clientela – alunos do 6º ao 9º anos – percebeu que a aprendizagem



pode ser adquirida de modo prazeroso e divertido, usando para tanto um material lúdico, mas nem por isso menos rico ortográfica e gramaticalmente. Para os demais docentes envolvidos a participação dos familiares apoiando a comunidade na aquisição e no compartilhamento da leitura contribuiu bastante para o sucesso do projeto. "O interesse e a voluntariedade demonstrados pelos alunos, além da melhora significativa das notas em Língua Portuguesa, mostraram que as histórias em quadrinhos podem ser instrumentos valiosos de contribuição para o melhor ensino da língua materna", finaliza Cristina.

Escola Estadual Humberto de Campos
Rua Elias Persiano, 177 – Parque Boa Ventura –
Nova Iguaçu/RJ – CEP: 26298-342
Tels.: (21) 2799-6645 / 3759-1142
E-mail: e.ehumbertocampos@Ig.com.br
Diretora: Núbia R. Gonçalves
Profª Coord. do Projeto: Ana Cristina L. Barroso
Fotos cedidas pela escola



Pela proximidade com o público escolar, as narrativas em quadrinhos ganham cada vez mais espaço nas aulas de Língua Portuguesa, sobretudo quando se aborda interpretação textual



Jogos Interescolares

Crianças desafiam suas dificuldades e desenvolvem habilidades cognitivas

Claudia Sanches

Quem olha o campeonato de damas e quebra-cabeças dos alunos das escolas municipais da 7ª CRE, região de Jacarepaguá, se impressiona. Concentração, bom comportamento e silêncio absoluto na disputa realizada na sala de informática. Cada um desenvolvendo seu estratagema para vencer o jogo. Ninguém imagina, mas são crianças com defasagem idade/série e problemas de comportamento. As partidas fazem parte do projeto *Jogos Interdisciplinares*, realizado com as crianças do programa *Nenhum a menos*, promovido pela Proinape – Programa Interdisciplinar de Apoio às Escolas do Município do Rio de Janeiro, da Secretaria Municipal de Educação (SME).

Desde 2009 através do *Nenhum a menos*, professores contam com uma equipe de psicólogos, pedagogos e assistentes sociais do Proinape, que acompanham o trabalho em sala de aula: encaminham os educandos para atendimento e auxiliam no desempenho escolar. Os jogos intelectivos – dominó, jogo da velha, quebra-cabeça, resta-um – foram uma estratégia que se tornou um exemplo de superação das crianças com dificuldade de aprendizagem. A iniciativa do projeto partiu da professora de Educação Física, Margareth Rose, e da coordenadora pedagógica Caroline Bachour, da Escola Municipal Gastão Monteiro Moutinho, na Taquara.

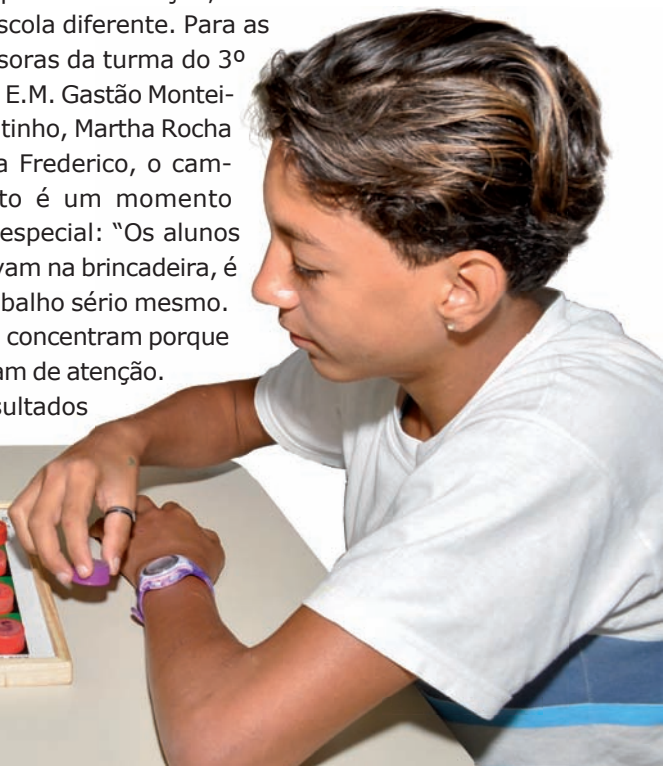
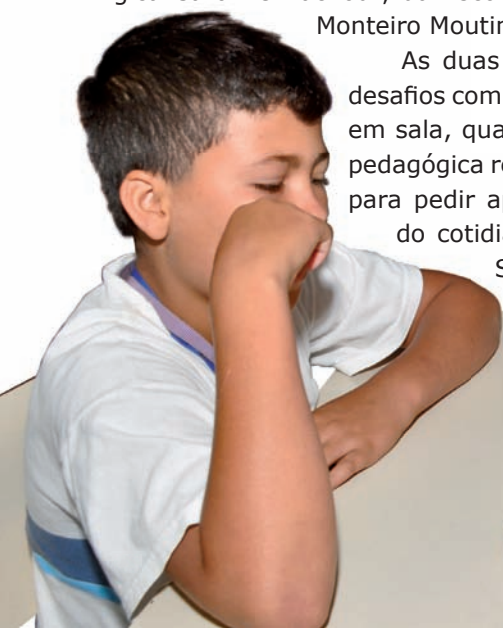
As duas já trabalhavam os desafios com o grupo de crianças em sala, quando a coordenação pedagógica recorreu ao Proinape para pedir apoio para questões do cotidiano desses alunos.

Segundo conta a pe-

dagoga do Proinape Ana Maria dos Santos, a equipe do colégio pensou em desenvolver um trabalho em que as escolas trocassem experiências: “Caroline me perguntou se havia alguma solução, e perguntei se ela tinha alguma ideia. Imediatamente, ela me trouxe a experiência dos jogos com campeonatos entre os colégios, que está sendo muito bem-sucedida”.

Atualmente crianças do 3º, 4º e 5º anos, de várias escolas municipais das proximidades, participam dos torneios. São elas: E.M. Luiz Camillo, E.M. Rosa do Povo, E.M. Thaumaturgo e E.M. Noel Nutels. Para os campeonatos oficiais são selecionadas, através de eliminação durante as aulas, quatro crianças por colégio. “Esses alunos, que estavam sem autoestima e numa situação desfavorável nas turmas, agora são a sensação, os vencedores. Todos querem estar no lugar deles, que “viraram a mesa”, comemora Margareth.

Os estudantes treinam o mês inteiro e são selecionados para o campeonato, que funciona em rodízio. Cada evento, organizado com apoio da Secretaria Municipal de Educação, ocorre em uma escola diferente. Para as professoras da turma do 3º ano da E.M. Gastão Monteiro Moutinho, Martha Rocha e Carla Frederico, o campeonato é um momento muito especial: “Os alunos não levam na brincadeira, é um trabalho sério mesmo. Eles se concentram porque precisam de atenção. Os resultados





Quebra-cabeças, jogo da memória e jogo da velha. Alunos desenvolvem a concentração, já que essas atividades envolvem regras, comportamento, raciocínio lógico, além de aumentar a autoestima



também estão nas provas bimestrais”, lembra Carla.

Premiação: todos são vencedores

O vencedor da partida de damas foi o aluno Marlon, da E.M. Luiz Camillo; o segundo colocado, Lucas, da escola sede; o terceiro lugar ficou para Jorge da E.M. Thaumaturgo. O segundo lugar na disputa de quebra-cabeças foi a dupla Letícia e Jeferson; a dupla vencedora foi Christian e Maristela da Escola Mal. Thaumaturgo de Azevedo”, e o terceiro lugar, para Emily e Geovani, da Luiz Camillo. Os educadores já conheciam o potencial dos jogos cognitivos, que trabalham a matemática e a linguagem. Mas, entre umas jogadas e outras, tudo que começou quase como uma brincadeira se tornou uma terapia.

Segundo Ana Maria, o grupo cresceu muito com a experiência, e o trabalho vem dando ótimos resultados: “O aluno quer ser melhor e sempre surpreende as professoras. A atividade motiva esse grupo a ficar mais atento, pois envolve regras, concentração, comportamento e autoestima, elementos fundamentais para o rendimento. Eles constatam na prática que vale a pena se empenhar”, explica a coordenadora. Todos os professores se emocionam ao lembrar a pequena Letícia, durante um torneio, dizer: “Tia,

esse é o dia mais feliz da minha vida”. Para finalizar o campeonato e coroar esses esforços, os estudantes são premiados com *kits* de caderno e canetas, além de medalhas. Porém, eles são recompensados da mesma forma: “Todos que chegam aqui já são vencedores, só por estarem participando. São alunos que trazem uma história de dificuldades e que ficam estigmatizados. Eles estão superando suas próprias dificuldades”, finaliza Margareth.

Escola Municipal Gastão Monteiro Moutinho
Rua dos Físicos, 520 – Taquara – Rio de Janeiro/RJ
CEP: 22723-545
Tel.: (21) 3413-7001
E-mail: emmoutinho@pcrj.rj.gov.br
Diretora: Maria Célia D'Araújo
Fotos: Marcelo Ávila

No final dos torneios todos são premiados: só de estarem participando as crianças já são vencedoras. O campeonato é um momento mágico, no qual elas se sentem capazes





Oficina de textos

Alunos do Colégio João Lyra Filho participam de todas as etapas de produção de um jornal

Tony Carvalho

Organizar um espaço que possibilite aos alunos, de maneira prazerosa, o domínio de informações, o debate de ideias, a formação de opinião, diferentes leituras da realidade, o gosto pela leitura, a ampliação da capacidade de escrita, além de oportunidades de interação, de socialização e intensificação de laços. Esses são os objetivos do projeto *Jornal Estudantil*, desenvolvido há quatro anos pelos alunos do Colégio João Lyra Filho, em Quintino. A publicação nasceu da percepção da necessidade, da vontade e da possibilidade de criar um projeto para integrar ainda

mais a coletividade para a construção de conhecimentos pertinentes, a partir de uma atividade diferenciada na escola.

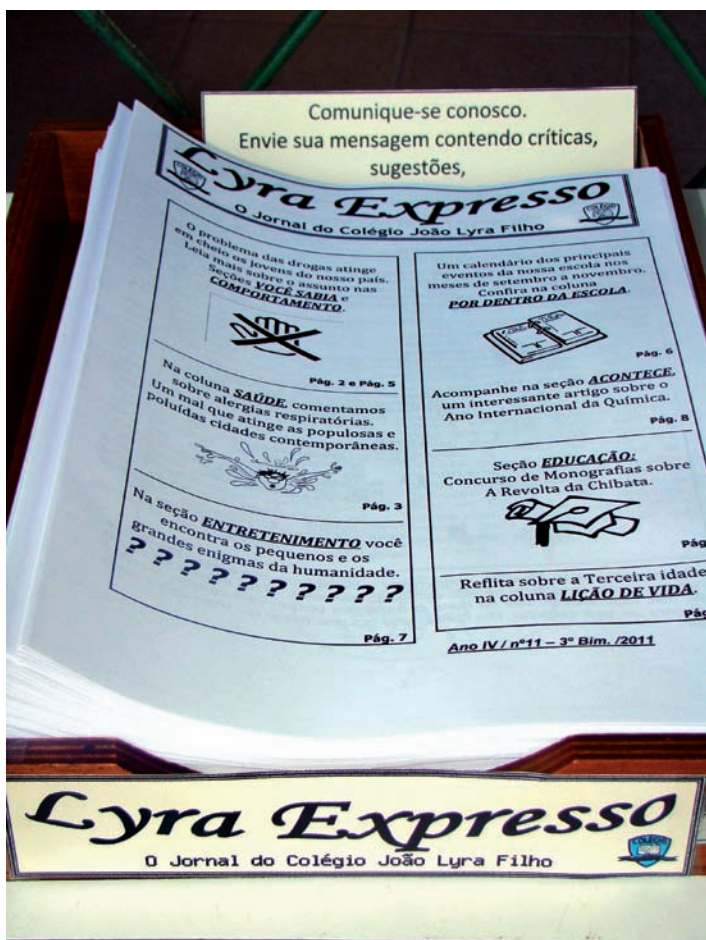
Impresso bimestralmente em folha A3, o jornal é integralmente escrito pelos alunos e contém temas relevantes para a comunidade escolar e o seu entorno. O periódico possui uma tiragem de 400 exemplares que ficam colocados na en-

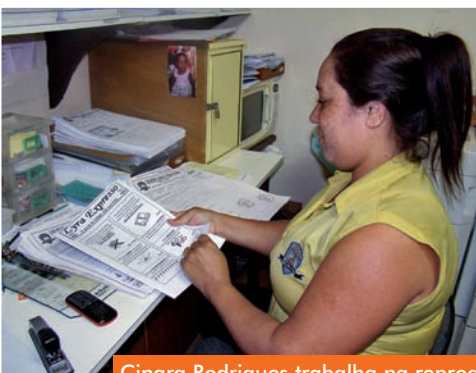
trada principal da escola para quem se interessar em ler. "A ideia é fugir do lugar comum. Portanto, não é um jornal mural, nem entregue a todos os alunos, tão pouco com seções do tipo 'tradução de letras de músicas' ou 'piadas', assim como não colocamos artigos que ficam 'caducos' em pouquíssimo tempo", explica o professor de História e Filosofia, Marcelo Barreto, idealizador e coordenador do projeto.

A publicação é considerada pelos educadores do colégio um instrumento pedagógico que estimula habilidades e competências como argumentação, conteúdo, redação, interação e cooperação, promovendo aprendizagens e uma visão democrática e participativa. "Eu cito o jornal como exemplo de projeto da escola. Quem o ler sempre aprende alguma coisa. O público-alvo não são apenas os alunos, mas também os familiares. Outro ponto que merece destaque é a ampla liberdade de expressão dos estudantes, pois só depois de impresso é que tomo conhecimento das matérias publicadas", ressalta o diretor da escola, professor Arildo Teles.

Os alunos envolvidos no projeto participam de todas as etapas de produção de um jornal, começando pela reunião de pauta, na qual são definidos o cronograma da edição seguinte e os assuntos que serão abordados. Em seguida, os estudantes partem para a apuração dos dados e, posteriormente, a redação do texto. "O projeto gráfico do jornal foi desenvolvido por jovens que já concluíram o Ensino Médio no colégio, mas que deixaram a sua contribuição. Contudo, estamos sempre buscando introduzir inovações, tanto na abordagem dos temas quanto no leiaute do jornal", afirma o professor Marcelo.

A professora de Língua Portuguesa Luciane Monteiro é responsável pela revisão dos textos. Segundo ela, o projeto está incentivando os alunos não apenas a aprimorar a escrita como também a desenvolver o senso crítico. "A liberdade que lhes é dada os torna ainda mais responsáveis. Eles desenvolvem uma autocrítica sobre o que estão escrevendo e procuram





Cinara Rodrigues trabalha na reprografia da escola e, há quatro anos, dá sua contribuição ao jornal. À direita, os alunos Yuri e Fabiana durante reunião de pauta. Janaina Freitas, do 3º ano, afirma que saber que o texto escrito vai ser lido por muitas pessoas aumenta a responsabilidade do grupo

sempre ouvir os dois lados da história, deixando que o leitor tire suas próprias conclusões”, afirma.

Os alunos do 3º ano do Ensino Médio João Marcos Souza e Janaina Freitas estão no projeto desde o início, quando ainda cursavam a 8ª série. Para eles, o jornal é importante porque possibilita à comunidade escolar tomar conhecimento de assuntos que muitas vezes passam despercebidos. Júlia Oliveira também integra a equipe do jornal desde a sua implantação, participando de todas as mudanças ocorridas. Hoje no 2º ano do Ensino Médio, ela diz que é gratificante saber que o texto que escreve será lido por tantas pessoas.

A aluna Victória Cristina, também do 2º ano, ingressou no projeto este ano e considera um desafio saudável a abordagem de assuntos do interesse do leitor. Fabiana Alencar e Yuri Bessino são estudantes do 1º ano e ingressaram na atividade a convite do professor Marcelo. Mesmo tendo chegado na equipe

apenas nas últimas edições do jornal, eles já se sentem completamente integrados e conscientes de que o trabalho de jornalistas mirins é um aprendizado que eles levarão para a vida toda. “O projeto tem muitos aspectos positivos. Um deles é a socialização, ao reunir alunos de várias turmas na elaboração das matérias. Já os demais estudantes, como leitores, podem refletir sobre variados temas, concordando ou não, inteira ou parcialmente com o que os colaboradores escreveram”, finaliza Marcelo. ■

Colégio João Lyra Filho
 Av. Dom Hélder Câmara, 9.503 / 9.521 – Quintino
 – Rio de Janeiro/RJ – CEP: 21380-008
 Tel.: (21) 2289-6840
 E-mail: secretariacjls@yahoo.com.br
 Diretor: Arildo Teles
 Fotos: Tony Carvalho

19º Grande Bailê Beneficente dos Associados da Appai

Local: Ribalta Eventos

Data: 26/11/2011

Horário: das 19 às 24h

Endereço: Av. das Américas, 9.650 – Barra da Tijuca

Traje: Esporte fino

25
 anos

Ritmos Tradicionais / Ritmos Quentes



Bicentenário da Dança de Salão no Brasil

Use um calçado apropriado para melhor desempenho na dança. É proibida a reprodução ou venda deste convite.



O lado fundamental da Química



Marcela Figueiredo

IE

la é tão fundamental que é impossível pensar em vida sem sua presença. O reconhecimento é tal que a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) considerou 2011 como o Ano Internacional da Química. Mas para muitos estudantes a disciplina não passa de uma tabela periódica e a obrigação de decorar o que são produtos orgânicos e inorgânicos. Com o propósito de criar uma relação de amor entre os estudantes e a disciplina, o Colégio e Curso Desafio elaborou uma série de propostas que demonstram a presença da Química nas atividades mais simples.

O trabalho foi realizado com os alunos da Educação Infantil e do Ensino Fundamental, e o verdadeiro desafio foi mostrar às crianças das séries iniciais que as reações químicas estão presentes no cotidiano de todas as pessoas. Elas vão dos hábitos mais comuns como o perfume que usamos até os remédios necessários para curar doenças. "Existem diversas

situações em que a Química está presente e não nos damos conta. É importante que as crianças já cresçam com essa noção, para que quando tiverem que estudar os conceitos dessa disciplina elas já estejam familiarizadas", ressalta Marcia Barbosa, idealizadora do projeto *A Química em Nossa Vida*.

O tema foi adaptado para uma linguagem em que os alunos fossem capazes de entender e produzir seus próprios projetos e apresentações. Com os pequeninos da Educação Infantil os professores elaboraram a presença da Química nas diferentes misturas de tintas e suas transformações. Foi possível trabalhar com cores primárias e secundárias, explicar quais eram cada uma e como o processo de suas misturas proporciona o surgimento de uma terceira cor, como é o caso do vermelho com o amarelo na composição do laranja.

Guimar Pinheiro, professora da Educação Infantil, destaca a importância de estimular a participação dos



Química e (re)ação:
Alunos da educação infantil aprendem, desde cedo, o valor e a importância da química nas cores, nos alimentos e até nos brinquedos



musicais coreografadas. “As crianças estavam muito seguras, se sentindo verdadeiros químicos”, avalia a professora Alba Valéria Camargo. Os pais e visitantes puderam experimentar os iogurtes, perfumes e hidratantes preparados pelos alunos, enquanto aplaudiam as *performances* artísticas nas quais a Química proporcionava a transformação das cores. ■

Colégio e Curso Desafio
Rua Quiririm, nº 670 – Vila Valqueire – Rio de Janeiro/RJ
CEP: 21330-650
Tel.: (21) 2452-2147
E-mail: falecom@colegiocursodesafio.com.br
Fotos cedidas pela escola

alunos das séries iniciais em projetos que envolvem toda a escola: “Há pessoas que acreditam que as atividades das crianças do Ensino Fundamental se resumem em brincar. Essa é uma forma de mostrarmos que ali muito se produz e que eles também aprendem”.

Os estudantes do primeiro ao quarto ano foram induzidos a experiências mais complexas, como a confecção de alimentos derivados do leite, criação de produtos de beleza, participação no processo de fertilização do solo e pesquisas sobre aditivos alimentares. Durante as atividades, os alunos puderam viver a rotina de um químico: pesquisa, testes e utilização de diferentes materiais para que o produto final saísse como planejado.

Além das experiências realizadas em sala de aula, os estudantes prepararam uma exposição com os trabalhos e apresentações





Aprender e brincar: uma combinação perfeita

Escola resgata, através de brincadeiras, o interesse dos alunos pelo conhecimento

Claudia Sanches

Os intervalos da escola eram apáticos, sem graça. Nos espaços enormes do Ciep pequenos grupos isolados chamavam atenção, conversando em um canto. Outras crianças do outro lado brincando no celular.

Essa era a situação que Maria Zélia Silva, coordenadora pedagógica, observava nos pátios do Ciep Alfredo da Rocha Viana Filho (Piranguinha), localizado em Nova Iguaçu.

Segundo a educadora, muitos são os fatores que levaram as crianças a abandonarem as diversões, como, por exemplo, a tecnologia, a violência e a falta de tempo dos pais. Os alunos estão esquecidos de atividades como jogar amarelinha, pular corda, cantigas de roda, bola de gude e peteca.

Com objetivo de resgatar o brincar na vida escolar Zélia teve uma ideia: aproveitar o mês do folclore para oferecer o que ela considera fundamental na faixa etária da sua clientela. "As brincadeiras folclóricas são facilitadoras do crescimento afetivo e social. Se desejarmos formar cidadãos críticos e criativos, um dos requisitos é o enriquecimento do cotidiano escolar com inserção de contos, lendas", justifica. Assim nasceu o projeto *Brincadeira é coisa séria*, desenvolvido com alunos do 2º ao 9º anos. O nome se refere à importância de oferecer divertimento e vivências.

Segundo Zélia, quando fez a proposta para o colégio, a aceitação pelos corpos docente e discente tinha sido muito grande, e os intervalos nunca tinham sido tão divertidos. "Senti a necessidade de incluir um programa visando, em primeiro lugar, um ambiente alegre, lúdico com múltiplas linguagens e regras. Frisei bem, vamos modificar esse contexto, mas lembrem: brincadeira é coisa séria".

O projeto foi dividido em duas semanas. A primeira etapa abordou todo o folclore e suas manifestações culturais no país. Na segunda





A culminância foi bastante eclética: cordel, lobisomem, saci, muita dança regional e dramatização de canções de roda: projeto mudou a cara do Ciep 033



semana foi a vez de enfeitar o colégio com as lendas e mitos, como Iara, Saci, Mula-sem-cabeça, Boitatá, Curupira, Boto, Lobisomem e a criação de composições de Cordel realizada pelos alunos da professora Eliane Moraes, do 3º ano, que também produziu instrumentos musicais com os grupos, que por sua vez apresentaram cantigas de roda. O Saci engarrafado, concebido pela professora Silvania Barbosa e sua turma, foi um dos maiores sucessos do trabalho. “Todos queriam prender o Saci, confeccionado através de dobraduras e colocado dentro de uma garrafa *pet*”, recorda Eliane.

A culminância do projeto foi o Festival de Pipas, organizado e monitorado pelo inspetor Everaldo José da Silva, professor da Escola Aberta: “Há tempos não via tantos rostinhos felizes. Foi muito bom olhar a garotada colocando suas pipas no ar sem cerol, pois tivemos a preocupação de esclarecer sobre o perigo dessa prática”. Durante a mostra as professoras de Matemática Claudia Regina dos Santos e Adileia Barreto quebraram o tabu da sua disciplina. Através do “O que é o que é no Arraiá da Matemática”, jogo de argola em que a criança tinha que responder as perguntas, as docentes ensinaram Geometria de uma forma atrativa e lúdica, além de fixarem importantes conteúdos.

A alegria não era só dos pequenos. A professora de Geografia Simone Gomes não conseguia esconder sua emoção em estar trabalhando sua disciplina de forma diferente. O seu grupo apresentava comidas típicas das regiões brasileiras. Os alunos Douglas, do 9º ano, que ensaiou o mês de agosto inteiro, e Ana Beatriz, do 8º, apresentaram um bonito forró e Letícia, do 7º, se revelou uma brilhante dançarina interpretando uma coreografia dos anos 1960. O 4º ano representou *O cravo brigou com a Rosa*. “Por trás desses trabalhos estava muita pesquisa e treinamento”, lembra Zélia. Dentro do tema folclore, destaque para a confecção da boneca sem costura Baiomy, com

a professora de Língua Portuguesa Márcia Rosário. As meninas do 7º e 8º anos apresentaram as bonecas dançando capoeira.

A docente Ana Lúcia Coutinho fez muito sucesso com as comidas e acessórios do Nordeste. “Os alunos tiveram a ideia de trazer redes e rendas para enfeitar os estandes”, lembra. A turma contou com apoio da diretora adjunta Valcirene Gonçalves, que passou a tarde inteira pesquisando doces típicos para a mostra. Já Cleide Maria da Silva, que leciona no 5º ano, divertiu as turmas e visitantes com os trava-línguas: “Foi um divertimento único; todos erravam e riam muito”, afirmou.

O projeto revela seus frutos com a realização da peça *Uma escola ontem e a escola hoje*. A iniciativa é dos próprios estudantes, que estão ensaiando para o Dia da Criança. Zélia, agora só sorrisos, recorda que o brincar faz parte da natureza do ser humano, principalmente das crianças e jovens, porque propicia o crescimento cognitivo e afetivo dos alunos, diz, enquanto aprecia o novo cenário do colégio: “Assim os intervalos sem graça não existem mais, já que houve a participação de todos em um mês totalmente dinâmico. Mas as brincadeiras ‘de antigamente’ continuaram e mudaram o retrato do Ciep 033”.

Ciep 033 Alfredo da Rocha Viana Filho (Pixinguinha)
Rua das Violetas, s/nº – Prados Verdes – Nova
Iguaçu/RJ – CEP: 26000-000
Tel.: (21) 2686-2125
E-mail: celiaaguiar@educacao.rj.gov.br
Diretora: Célia Cristina Freire de Aguiar
Fotos cedidas pela escola



Você é um Educador-Líder?

Conheça as 14 competências da liderança servidora

Faz-se necessária a compreensão dos fundamentos e das competências à formação do perfil de liderança servidora para a atuação do educador que pretende aprofundar o seu relacionamento com o educando. Esse modelo de liderança demonstra ser pertinente e de vital importância para a formação de profissionais que objetivam o crescimento e o desenvolvimento de seus seguidores, levando-se em conta a relevância da aprendizagem neste tipo de relacionamento que preza a autonomia. Veja abaixo as competências - divididas em 5 gerais e 14 específicas - necessárias para os professores que desejam desenvolver a liderança servidora.

Pessoais e educacionais

1 - Adotar fundamentos éticos (como confiança, transparência e responsabilidade social) através de ações colaboradoras voltadas às comunidades de convivência.

2 - Aplicar teorias e estratégias de aprendizagem, instituindo a cultura do aprendizado de mão dupla continuamente.

Interpessoais

3 - Valorizar o desenvolvimento de pessoas, estimulando o seu aperfeiçoamento através do potencial disponível (criatividade, reflexão, inteligência emocional etc.).

4 - Desenvolver relacionamentos e comunicação interpessoal, aprofundando e valorizando o contato humano entre as pessoas.

5 - Trabalhar em equipe, oferecendo a abertura necessária para a diversificação proporcionada na ação conjunta.

6 - Transitar na diversidade, ampliando as oportunidades de cooperação entre os colaboradores, respeitando-os nas suas mais diversas formas de se manifestar.

Organizacionais

7 - Implementar mudança, criar e inovar, gerando a cultura das transformações mais bem planejadas e comunitárias.

8 - Promover o desenvolvimento organizacional, visando o todo na relação entre os colaboradores.

Cognitivas

9 - Conhecer os fundamentos e teorias de liderança, amparando-se nos modelos para refletir e compreender a dinâmica de funcionamento nas múltiplas possibilidades de emprego que a relação líder-seguidor demanda.

10 - Pesquisar e analisar dados, embasando-se com conhecimento prévio, organizado, sem perder de vista, contudo, o desenvolvimento da intuição e da exploração dos recursos criativos.

11 - Gerir informação e gerar conhecimento, fazendo uso do saber colaborador e ultrapassando os portões do conhecimento acumulado.

Profissionais

12 - Solucionar problemas e tomar decisões.

13 - Empreender e administrar, tratando do planejamento, da estruturação, da direção e do controle das atividades organizacionais, haja vista a necessidade de existirem três tipos de habilidades para a prática do administrador:

Técnica - uso de equipamentos, técnicas, métodos e conhecimentos para a realização de tarefas específicas.

Humana - capacidade de se trabalhar com pessoas, entendendo as suas motivações e atitudes.

Conceitual - consiste na capacidade de lidar com ideias e conceitos abstratos, fomentando filosofias e princípios gerais de ação.

14 - Implementar projetos, estimulando a participação comunitária de interesse desde o planejamento até a implementação e o conseqüente acompanhamento.

O educador-líder surge oportunamente. Vivemos um período de adaptações constantes. Percebemos a necessidade de enxergar holisticamente. Contudo, não conseguimos agir em prol desta evolução nas relações humanas e educacionais.

Através do serviço prestado pela liderança servidora é possível obter mais do estudante que participa por meio das suas reflexões e intervenções críticas. As pessoas descobrem em si, com o apoio de uma boa relação educacional, os valores que as motivam a serem criativas, singulares, comunicativas, reflexivas, participativas e aptas a desenvolverem mudanças com maior autonomia.

Armando Correa de Siqueira Neto é psicólogo, diretor da Sei! Consultoria em Gestão de Pessoas e professor universitário. *E-mail:* selfcursos@uol.com.br



ATUALIZEI MEUS DADOS
CADASTRAIS NO SÍTIO
WWW.APPAI.ORG.BR.
AGORA POSSO
RECEBER, COM RAPIDEZ,
INFORMAÇÕES E
NOVIDADES SOBRE
OS BENEFÍCIOS. E
AINDA PARTICIPAR DE
CONCURSOS CULTURAIS
E CONVITES.

É MESMO? VOU **ENTRAR**
NO SÍTIO DA APPAI E
ATUALIZAR OS MEUS
DADOS E TAMBÉM DOS
MEUS BENEFICIÁRIOS. NÃO
VOU FICAR FORA DESSA!

Associado,
atualize seus dados - appai.org.br

- 1.** Após entrar com a matrícula e senha do titular, entre em "Minha Conta" e acesse "Dados Cadastrais". Em seguida clique em "Solicitar Alteração".
- 2.** Na janela "Solicitar Alteração de Dados Cadastrais", atualize seus dados.
- 3.** Ao completar a atualização dos dados solicitados clique em "Solicitar", depois em "OK" e finalize o processo.

Benefício de Assistência Funeral

Ligue **0800-023-4600**

Assistência Funeral **24 horas**

No caso de falecimento de uma das pessoas que façam parte do grupo segurado – associado colaborador, cônjuge, filhos menores de 21 (vinte e um) anos, pais dos associados colaboradores e beneficiários agregados –, basta uma ligação para o telefone **0800-023-4600** e nós cuidamos desde a liberação de documentos até a realização do funeral.



Revista Appai Educar

(Veículo de Apoio ao Profissional de Educação)



Seguro de Vida em Grupo e de Acidente Pessoal Coletivo



Serviço Social



Benefício de Educação Continuada

(Ciclo de Cursos e Palestras)



Benefício de Assistência Flex Domiciliar



Médico Ambulatorial Básico*

(sem internação)
(Atendimento limitado a alguns exames, procedimentos e especialidades)



Jurídico



Dança de Salão

(Atividade Recreativa)



Seguro para a Cobertura de Algumas Doenças Graves



Assistência Funeral



Odontológico Ambulatorial Básico*

(Atendimento limitado a alguns exames, procedimentos e especialidades)



BemViver Caminhadas e Corridas

ANS - Nº 38254-0

Convênios e parcerias com outras instituições (Opcionais)

◆ Plano Hospitalar Coletivo ◆ Pousadas

OBS.: Antes de se associar, consulte a Relação de Benefícios para obter mais informações sobre a amplitude dos mesmos e outros convênios.

** Ao associar-se à Appai, você poderá descontar em folha a sua contribuição associativa.

** A opção do desconto em folha estará disponível apenas para as Instituições que tenham convênio e/ou parceria com a Appai.

Siga-nos nas mídias sociais:



Associação Beneficente dos Professores Públicos Ativos e Inativos do Estado do Rio de Janeiro
Rua Senador Dantas, 117 – sobreloja 211 – Centro – Rio de Janeiro – RJ – CEP 20031-911



(21) 3983-3200



appai.org.br



faleconosco@appai.org.br